



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE IMPERATRIZ – CESI**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**SÃO LUÍS - MA  
2015**



**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE IMPERATRIZ – CESI**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**COMISSÃO DE ELABORAÇÃO**  
(Portaria n ° 002/2015 – CESI/UEMA)

Presidente:

Maria da Guia Taveiro Silva

**Membros:**

Gilberto Freire de Santana

Kátia Carvalho da Silva

Rute Maria Chaves Pires

Sonia Maria Nogueira

SÃO LUÍS - MA  
2015

## **IDENTIFICAÇÃO DO CURSO**

DENOMINAÇÃO DO CURSO: Projeto Pedagógico do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

ÁREA: Letras

PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO: 8 (oito) semestres

REGIME LETIVO: semestral

TURNO(S) DE OFERTA: Vespertino e noturno

VAGAS AUTORIZADAS: 35 (trinta e cinco) vagas anuais

CARGA HORÁRIA DO CURSO: 3.135 (três mil, cento e trinta e cinco) horas

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS: 40 (quarenta)

DISCIPLINAS OPTATIVAS: 9 (nove)

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: 2 (dois)

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (AACC): 225 (duzentos e vinte e cinco) horas, que correspondem a 5 créditos

TÍTULO ACADÊMICO: Licenciado em Letras

## **DADOS INSTITUCIONAIS**

NOME DA INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

CNPJ: 06.352.421/0001/68

SITE: [www.uema.br](http://www.uema.br)

CENTRO: Centro de Estudos Superiores de Imperatriz – CESI

ENDEREÇO: Rua Godofredo Viana, 1.300 – Centro, 6590-480 – Imperatriz (MA)

TELEFONE: (99) 3525-2785

E-MAIL: [direcao.uema@gmail.com](mailto:direcao.uema@gmail.com)

## **ESTRUTURA DE GESTÃO**

**Prof °. Gustavo Pereira da Costa**

Reitor

**Prof °. Walter Canales Sant'ana**

Vice-Reitor

**Prof °. Antonio Roberto Coelho Serra**

Pró-Reitor de Planejamento

**Prof ª. Andréa de Araújo**

Pró-Reitora de Graduação

**Prof °. Marcelo Cheche Galves**

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**Prof °. PORFÍRIO CANDANEDO GUERRA**

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis

**Prof °. Gilson Martins Mendonça**

Pró-Reitor de Administração

---

Direção do Centro: **Prof °. Paulo Henrique Aragão Catunda**

---

Diretor do Curso: **Gilberto Freire de Santana**

## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO .....	9
2 JUSTIFICATIVA .....	11
3 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DA UEMA / CESI .....	12
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA UEMA .....	12
3.2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO CAMPUS .....	14
4 O CURSO: PROPOSTA E PERSPECTIVAS .....	17
4.1 FILOSOFIA DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	18
4.2 MISSÃO DO CURSO DE LETRAS DO CESI .....	20
4.3 OBJETIVOS DO CURSO .....	20
4.3.1 Objetivos gerais .....	21
4.3.2 Objetivos específicos .....	21
4.3.3 Estratégias de realização dos objetivos do curso .....	21
4.4 TITULAÇÃO CONFERIDA PELO CURSO .....	23
4.5 DESAFIOS DO CURSO .....	23
4.6 CORPO DISCENTE .....	24
4.7 DEMANDAS, VAGAS, TURMAS E TURNOS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO .....	24
4.8 PERFIL DO PROFISSIONAL ORIUNDO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	25
4.9 ÁREAS DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO CURSO .....	26
4.10 NORMAS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO .....	28
5 GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO .....	29
5.1 COLEGIADO DO CURSO .....	29
5.2 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) .....	29
5.3 AVALIAÇÃO CURRICULAR: USO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DO CURSO .....	29

<b>6 CURRÍCULO DO CURSO</b> .....	31
6.1 REGIME ESCOLAR .....	31
6.2 PROPOSTA CURRICULAR.....	33
6.3 MATÉRIAS E DISCIPLINAS DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO CESI/UEMA .....	35
6.4 ESTRUTURA CURRICULAR .....	37
<b>6.4.1 Disciplinas de Formação Específica</b> .....	37
<b>6.4.2 Disciplinas Comuns a outros Cursos</b> .....	39
<b>6.4.3 Disciplinas Livres</b> .....	39
6.5 EMENTÁRIOS E REFERÊNCIAS DAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO PLENO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	39
<b>6.5.1 Ementário das Disciplinas livres (NL)</b> .....	63
6.6 A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR .....	68
6.7 ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (AACC) .....	68
6.8 ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	68
6.9 PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO .....	69
6.10 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) .....	69
<b>7 RECURSOS HUMANOS</b> .....	70
7.1 DOCENTES .....	70
7.1.1 <b>Perfil do professor</b> .....	70
7.2 GESTORES .....	70
7.3 O CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	71
<b>8 INFRAESTRUTURA DO CURSO</b> .....	72
8.1 SALA DE AULA.....	72
8.2 SALA DE PROFESSORES .....	72
8.3 SALA DE DEPARTAMENTO .....	72
8.4 SALA DE DIREÇÃO DE CURSO .....	72
8.5 OUTROS ESPAÇOS USADOS PELO CURSO.....	72
<b>9 ACERVO BIBLIOGRÁFICO</b> .....	73

<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>11 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Pensar um projeto de educação implica pensar o tipo e qualidade de escola ou instituição, a concepção de homem e de sociedade que se pretende construir.

Estamos cansados de compreender que as mudanças na educação dependem, fundamentalmente, de vontade política, no que diz respeito a encará-la como prioridade nacional – não enquanto lema, mas de forma prática – e da vontade e empenho dos professores. Eles são, de fato, os responsáveis em pôr em prática os projetos e concepções de educação que sempre foram idealizados por alguns e não por eles, o que contribui para que tenhamos tantas propostas relevantes no papel, mas que, no fazer pedagógico, se mantenham a uma distância enorme do idealizado.

As nossas instituições de ensino, e em sentido amplo, os dirigentes políticos, pouco se preocuparam com a existência de um Projeto Pedagógico, em virtude de que a nossa educação, ao longo do tempo, salvo raras exceções, sempre foi um dos caminhos mais fáceis para se praticar os desvios de recursos. Além disso, em muitos outros casos, para o enriquecimento ilícito, o que nos surpreende é essa busca geral em que se encontram os sistemas de ensino para concretizarem os seus projetos.

A necessidade de um Projeto Pedagógico de uma escola ou de um curso antecede a qualquer decisão política ou exigência legal, já que, enquanto educadores e membros da instituição ou escola devemos ter claro a que horizonte pretendemos chegar com os nossos alunos, com a comunidade e com a sociedade, de modo geral, caso contrário não estaremos exercendo o papel de educador, mas, simplesmente, de “aventureiro”, que não sabe onde quer chegar.

Na educação, na maioria das vezes, a “moda” também se faz presente, principalmente por parte daqueles que, na verdade, ficam esperando um pacote pronto de técnicas e métodos de ensino, para poder agir. Agem assim, ao invés de buscarem desenvolver a criatividade e, na prática, irem recriando a sua própria práxis pedagógica. Dessa forma, convém questionar: o PPC será apenas mais uma “moda”? Será que os educadores e dirigentes dos sistemas educacionais alertaram-se e resolveram firmar um pacto pela qualidade da educação ou será apenas mais uma corrida para que cumpramos, mais uma vez, as exigências legais e dos acordos internacionais? Será que cada escola / instituição/curso, vai assumir e realizar o que planejou ou terá apenas um projeto escrito? Ou continuaremos com as mesmas e velhas práticas autoritárias e alienantes dos



nossos alunos e, no dia seguinte, com o peito aberto sairemos profetizando a mudança, pregando a demagogia e falando de formação para a cidadania e para o viver da democracia?

Claramente, não se deve acreditar nas mudanças da educação quando elas acontecem de cima para baixo. Se a escola, a instituição, o Curso é fruto da sociedade, é consequência dos saberes social e culturalmente construídos, subjetivamente, pelas pessoas que estão fora e dentro da escola. Como pensar em mudanças, a partir daqueles que não estão, diretamente, ligados a essa realidade? Alunos, professores, comunidades, não podem figurar apenas nos papéis e nas propostas; devem fazer parte do sistema de reformulação do pensar a educação e a escola.

Sendo assim, a mola principal das mudanças é a postura e crença do educador em um repensar a educação e a sua própria caminhada, senão, como já disse o ex-ministro da Educação, Carlos Chiarelli, em 1992, “os professores fingem que ensinam, os alunos fingem que aprendem e o governo finge que controla”. Quando, na verdade, deveríamos assumir o papel de educador, para tentarmos envolver e empolgar a sociedade a lutar por uma educação mais real, digna de um país com mais de 500 anos de “descobrimento”.

## 2 JUSTIFICATIVA

O Brasil, por ser um país extenso e possuidor de uma grande população tem mostrado claramente a dificuldade em oferecer oportunidades educacionais a sua população. É amplamente noticiado que o país tem falta de profissionais da educação em todas as áreas. Em algumas regiões e em alguns estados a escassez de professores para o Ensino Médio, por exemplo, é bem maior.

O anuário brasileiro da educação básica de 2013 mostra que em 2011, o número de professores brasileiros para a esse nível de educação era equivalente, somente, a cerca de dez por cento (10%) do total da população (2.045.351) do país. Sendo que a maioria deles (601.242) se encontrava na faixa etária entre 41 a 50 anos, o que pode significar uma proximidade da aposentadoria. E desse percentual ainda há professores com somente o ensino fundamental trabalhando no Ensino médio. Esse fato pode ser uma das razões que tenta explicar a realidade de o país ter somente sessenta e dois por cento (62%) dos brasileiros portadores de diploma de curso superior, considerados como plenamente alfabetizados (BRASIL, 2011), os outros graduados (38%) se encontram em outros níveis de alfabetismo, infelizmente. Ademais, os dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) apresentados pelo Instituto Paulo Montenegro, que mede os níveis de alfabetismo de adultos no Brasil mostram que ainda é grande a população analfabeta plena e funcional no país (BRASIL, 2012).

Nesse contexto, não há dúvidas de que há uma enorme necessidade, no país, de profissionais com a melhor qualificação possível. Entre esses profissionais, destaca-se o docente que lida com os construtos que permeiam todas as outras áreas de estudo - a língua portuguesa.

No Maranhão, a demanda por docentes de Língua Portuguesa é alta, ultrapassa a casa dos cento e quarenta mil (142.179) profissionais (INEP, 2011) e, embora não se tenha os números da região em que se encontra o campus de Imperatriz, pode-se afirmar que o curso em questão é o único que oferece formação de docentes de Língua Portuguesa. Esse fato eleva a responsabilidade do campus em oferecer o curso, pois além de atender ao público do seu estado, acolhe estudantes de outros estados, principalmente do Tocantins e de parte do Pará.

Ademais, a cada ano, o crescimento do número de centros educacionais de Ensino Médio e a exigência da LDB, de que os professores fossem, legalmente, habilitados com graduação, em sua área de ensino impõe às IES a responsabilidade de formar esses profissionais.

Diante do exposto, ressalta-se a relevância da manutenção do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, neste Centro.

### **3 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DA UEMA / CESI**

#### **3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA UEMA**

O anuário institucional de 2014, esclarece que a missão da Universidade Estadual do Maranhão é “Servir à sociedade, oferecendo formação educacional de excelência orientada para a cidadania, produzindo conhecimento e prestando serviços de qualidade, por meio de uma gestão participativa com responsabilidade social e ambiental” e a sua visão é “Ser instituição de referência acadêmica na educação superior, reconhecida como essencial ao desenvolvimento do Estado e da sociedade”. Assim, a UEMA é uma instituição de ensino superior que se preocupa com o desenvolvimento do Estado do Maranhão e que desde a sua fundação tem contribuído para o crescimento intelectual da sociedade maranhense.

A atual Universidade Estadual do Maranhão teve sua origem na Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, criada pela Lei 3.260 de 22 de agosto de 1972 para coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior do Maranhão.

Posteriormente, em 1981 a FESM foi transformada na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, através da Lei nº 4.400, de 30 de dezembro de 1981. Nessa época a instituição contava com apenas três campi e sete unidades de ensino. Porém, somente em 1987 a UEMA teve seu funcionamento autorizado pelo Decreto Federal nº 94.143, de 25 de março de 1987, como uma Autarquia de regime especial, pessoa jurídica de direito público, na modalidade multicampi.

A princípio, a UEMA foi vinculada à Secretaria Estadual de Educação. Após a reforma administrativa implantada pelo Governo do Estado, em 1999, a SEDUC foi transformada em Gerência de Estado de Desenvolvimento Humano (GDH).

Em 2002 a UEMA foi desvinculada da GDH pela Lei Estadual nº 7.734, de 19.04.2002, que dispôs novas alterações na estrutura administrativa do Governo, e passou a integrar a Gerência de Estado de Planejamento e Gestão.

Em 2003 com a reorganização estrutural do estado e com a criação do Sistema Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, UEMA a vincular-se à Gerência de Estado da Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico – GECTEC, hoje,

Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico (SECTEC).

Conforme seu Estatuto, aprovado pelo Decreto 15.581 de 30 de Maio de 1.997 os objetivos da UEMA são: promover o ensino de graduação e pós-graduação, a extensão universitária e a pesquisa, a difusão do conhecimento, a produção de saber e de novas tecnologias interagindo com a comunidade, com vistas ao desenvolvimento social, econômico e político do Maranhão.

Conforme seu Estatuto a Universidade Estadual do Maranhão está organizada com observância dos seguintes princípios:

- Unidade de patrimônio e administração;
- Estrutura orgânica com base em departamentos, coordenados por centros, tão amplos quanto lhes permitam as características dos respectivos campos de atividades;
- Indissociabilidade das funções de ensino, pesquisa e extensão, vedada a duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes;
- Descentralização administrativa e racionalidade de organização, com plena utilização de recursos materiais e humanos;
- Universidade de campo, pelo cultivo das áreas fundamentais do conhecimento humano, estudados em si mesmos ou em função de ulteriores aplicações, e de áreas técnico-profissionais;
- Flexibilidade de métodos e critérios, com vistas às diferenças individuais dos alunos, peculiaridades regionais e às possibilidades de combinação dos conhecimentos para novos cursos e programas de pesquisa;
- Liberdade de estudo, pesquisa, ensino e extensão, permanecendo aberta a todas as correntes de pensamento, sem, contudo, participar de grupos ou movimentos partidários;
- Cooperação com instituições científicas, culturais e educacionais, públicas e privadas, nacionais e internacionais, para a consecução de seus objetivos.

Quanto a sua atuação na área de educação superior a UEMA atua nos níveis de graduação tanto presencial quanto na modalidade EAD. Assim, atualmente a instituição oferece cursos Regulares de Graduação Bacharelado e Licenciatura e Programas Especiais – Cursos de Licenciatura ministrados pelo Programa Darcy Ribeiro, na modalidade presencial e regular, além dos Cursos de Licenciatura ministrados pelo Núcleo de Tecnologias para a Educação (UEMANET), na modalidade ensino à distância, do Curso de Formação Pedagógica de Docentes para as disciplinas de Ensino Médio e Educação Profissional em nível Técnico. A UEMA

também oferece cursos Sequenciais de Formação Específica – Presenciais. Além disso, atualmente há um grande interesse em aperfeiçoar e ampliar os seus programas de pós-graduação tanto em nível *stricto sensu* quanto em nível *lato sensu*.

### 3.2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO CAMPUS

O campus é localizado na cidade de Imperatriz, que é o segundo município mais populoso do estado do Maranhão, sede da Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense, tem influência no Norte do Tocantins e Sudeste do Pará, com os quais faz divisa. Possui uma área de 1.538,1 km<sup>2</sup> e população de 252.320 habitantes – estimada pelo IBGE/2014. A cidade é localizada a 639 km da capital do estado, São Luís, com altitude média de 92 metros acima do nível do mar.

Essas divisas conferem a Imperatriz a singularidade de “capital regional”, responsável pela sustentação de um vasto território, onde desenvolvem-se agricultura e pecuária fortes, comércio dinâmico e indústria e agroindústria em processo de crescimento.

A instituição, inicialmente denominada de Faculdade de Educação de Imperatriz, oferecia os cursos de Letras, Estudos Sociais e Ciências, todos de Licenciatura Curta. Esses cursos foram autorizados pelo parecer 75/74 do Conselho Estadual de Educação e pelo Decreto Federal 79.861, de 27 de junho de 1977 e, posteriormente, foram reconhecidos pela Portaria 147, de 06 de fevereiro de 1980, do Ministro da Educação.

Na época, a faculdade já havia sido incorporada à Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), pelo Decreto Estadual 7.197, de 16 de julho de 1979. Com a criação da UEMA, em 1981, a Faculdade de Educação de Imperatriz passou à denominação de Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz. A Portaria 501, de 03 de julho de 1985, do Ministro da Educação, autorizou a conversão, por via de planificação, dos cursos da Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz.

Atualmente, a Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz (UEEI), com a denominação de Centro de Estudos Superiores de Imperatriz-CESI/UEMA, oferece os seguintes cursos, de Licenciatura Plena:

- a) Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, reconhecido pela Resolução nº 281/2003, de 25 de setembro de 2003, do CEE;
- b) Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, reconhecido pela Portaria nº 1.810, de 27/12/1994;
- c) História – reconhecido pela Resolução nº 278/2006, de 20 de dezembro de 2006, do CEE;

- d) Geografia – reconhecido pela Portaria nº 271/2003, de 11 de setembro de 2003, do CEE;
- e) Pedagogia – reconhecido pela Portaria nº 277/2006, de 20 de dezembro de 2006, do CEE;
- f) Magistério das Séries Iniciais, do Ensino Fundamental – autorizado pela Portaria nº 2216/2001 MEC, de 11/10/2001;
- g) Formação Pedagógica de Docentes – reconhecido pela Resolução nº 324/1999, de 16/12/1999, do CEE;
- h) Ciências com Habilitação em:
  - ❖ Habilitação em Matemática – reconhecido pela Portaria 1696/1992, de 13 de novembro de 1992, do CEE;
  - ❖ Habilitação em Química – reconhecido pela Resolução nº 635/1997, de 16/10/1997, do CEE;
  - ❖ Habilitação em Biologia – reconhecido pela Resolução nº 568/1997, de 16/10/1997, do CEE;
  - ❖ Habilitação em Física – autorizado pela Resolução nº 737/2008, de 29/05/2008, do CONSUN;
  - ❖ Biologia – autorizado pela Resolução nº 707/2008, de 29/05/2008, do CONSUN.

O CESI/UEMA possui, também, cursos de Licenciatura na modalidade a distância, todos com projetos da UEMA NET. Além desses cursos em nível de licenciatura, o Centro de Estudos Superiores de Imperatriz CESI/UEMA oferece os seguintes cursos, em nível de Bacharelado:

- i) Administração – autorizado pela Resolução nº 451/97, de 12/12/1996, do CEE; reconhecimento pela Resolução nº 202/2000-CEE/MA;
- j) Medicina Veterinária – reconhecido pela Resolução nº 168/2009, de 17/07/2009, do CEE;
- k) Agronomia – reconhecido pela Resolução nº 03/2008, de 24/01/2008;
- l) Engenharia Florestal – autorizado pela Resolução nº 451/97, de 12/12/1996, do CEE;

A cidade de Imperatriz iniciou-se na formação de professores de Português e Literatura a partir de 1974, quando chegou à cidade o Curso de Licenciatura Curta em Letras, por meio da Faculdade de Educação de Imperatriz – FEI. Essa faculdade foi criada pela Lei Municipal nº 10, de 08 de agosto de 1973, tendo como mantenedora a Fundação Universidade de Imperatriz. O Curso de Licenciatura Curta em Letras teve seu reconhecimento em 1979. Essa mesma lei municipal mudou a denominação da fundação, que passou a chamar-se Fundação de Ensino

Superior de Imperatriz. Essa faculdade foi incorporada em 1979 pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão e, em 1981, transformada em Universidade Estadual do Maranhão.

Em 1985, foi transformada em Licenciatura Plena, com habilitação em Português, Inglês e respectivas Literaturas, iniciando nessa modalidade a partir do primeiro semestre de 1986. A partir de 1990, o Curso de Letras começou a funcionar com duas habilitações: Português/Inglês e Português/Literatura. Por um lado, a habilitação em Português/Inglês foi reconhecida em 1991. Por outro lado, a habilitação em Português e Literatura, apenas em 1994.

Nos últimos anos tem havido um crescimento na demanda de profissionais para a educação básica que, conseqüentemente, força um crescimento dos cursos nas IES.

Nesse contexto, a demanda para o ingresso no Curso de Letras teve uma tendência crescente, o que influenciou e pressionou o aumento do número que, inicialmente, era de 45 vagas anuais, passando para 50, em 1977, e, atualmente, 35 vagas anuais. Essa redução faz parte de um planejamento estratégico e de uma tentativa de se manter as turmas com, no máximo, 40 alunos, já que geralmente há alunos pagando disciplina.

O Curso de Letras começou a funcionar em dois turnos, a partir do primeiro semestre de 1991, com Português/Inglês no turno vespertino e Português/Literatura no noturno. O curso possui uma clientela diversificada, mas, nos últimos anos, verifica-se uma maior procura do público mais jovem, recém-saído do Ensino Médio. Atualmente, a oferta, em se tratando de habilitação, tem acontecido alternadamente, ou seja, a habilitação é oferecida em um semestre no turno vespertino; no seguinte, a mesma é oferecida no turno noturno.

Com a necessidade de melhorar a qualificação dos professores que estão em sala sem a devida qualificação, iniciou-se, em 1993, o Programa de Capacitação de Docentes – PROCAD. Esse programa foi criado para atender professores da rede pública que estão em atividade, mas não possuem graduação.

O Curso de Letras da UEMA, na cidade de Imperatriz, funcionou em dois regimes escolares: Regime Parcelado Intensivo (PROCAD e PQD), criado para atender os professores da rede pública que atuam no Ensino Fundamental e Médio, e Regime Regular, atendendo à comunidade em geral. Hoje em dia, o curso opera apenas em Regime Regular.

Segundo a Resolução nº 123/2013-CEE, o Curso de Letras Licenciatura de Imperatriz foi reestruturado com licenciaturas autônomas e específicas: Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

#### 4 O CURSO: PROPOSTA E PERSPECTIVAS

O Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa está respaldado em uma visão contextualizada de educação, baseada nas finalidades da Educação Superior que é regida pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, fundamentando os princípios básicos da prática educativa, cultural e política da sociedade. Com efeito, diz o Art. 62 dessa lei:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996, p.18).

O cenário político, sociocultural, econômico, científico e educacional, projetados para os próximos tempos, exige uma universidade atenta aos paradigmas da ciência contemporânea, buscando nos mesmos sustentação em seu projeto pedagógico para a qualificação exigida pelo exercício profissional da docência no ensino regular dos sistemas, sendo condição *sine qua non* do que está disposto no Art. 67, face aos sistemas públicos, constante do Título VI da Lei: Dos profissionais da Educação.

Convém lembrar que as transformações por que vem passando a sociedade, resultantes das alterações na esfera da produção em nível mundial, colocam em risco os paradigmas até então vigentes e aceitos nas Ciências Sociais.

É preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira crítica e consciente, escolher a própria esfera de atividade particular quanto a produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente a marca da própria realidade (GRAMSCI, 2007, p.12)

A modernidade se define, enfim, pela globalização. O mundo é global, como no passado foi trilateral. Permanece desigual, heterogêneo, cabendo ao homem acompanhar e entender as mudanças e, se preciso for, adaptá-las às suas necessidades, transformando-as.

Compromissado com a região, o curso se empenha em formar, capacitar e atualizar profissionais integrados com a realidade local, tornando-os autênticos promotores do desenvolvimento regional, promovendo uma melhor qualidade de vida e buscando estreitar os laços entre a instituição e a comunidade na qual está inserido.



#### 4.1 FILOSOFIA DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Moraes (1997, p. 25 e 47), ao analisar os desafios da Educação no mundo globalizado, propõe o paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente como ponto de partida para se repensar a Educação. Esse paradigma, cujos princípios acham-se, essencialmente, ligados à teoria quântica e à teoria da relatividade, traduz os valores emergentes, considerando o sujeito e o objeto como organismos vivos e interativos.

Além disso, considera a necessidade de diálogo do indivíduo consigo próprio e com o mundo que o cerca, buscando a comunhão com o universo. Esses valores definem as necessidades do homem de hoje, inserido num contexto em que o mundo e as formas de poder se afirmam enquanto capacidade de se estabelecer relações; um contexto cujos valores de troca se definem, em última análise, em termos de informação, conhecimento e criatividade.

De acordo com a autora, no mundo globalizado ou na era das relações, requer-se:

[...] uma nova ecologia cognitiva, traduzida na criação de novos ambientes de aprendizagem que privilegiem a circulação de informações, a construção do conhecimento pelo aprendiz, o desenvolvimento da compreensão e, se possível, o alcance da sabedoria objetivada pela evolução da consciência individual e coletiva (MORAES, 1997, p. 27).

Nessa perspectiva, o professor como transmissor de conhecimento desaparece para dar lugar à figura do mediador. Cabe ao docente, mais do que transmitir o saber, articular experiências em que o aluno vivencie e reflita sobre suas relações com o mundo e o conhecimento, assumindo o papel ativo no processo ensino-aprendizagem. O desafio está, dessa forma, na incorporação de novas tecnologias a novos processos de aprendizagem, em que o aluno seja considerado em suas relações com o mundo. Isso significa oportunizar ao aprendiz atividades que exijam não apenas o investimento intelectual, mas também o emocional, o sensitivo, o intuitivo, o estético, dentre outros.

Essa nova prática exige ambientes que extrapolem o espaço da sala de aula, ocupando, de modo assíduo, não apenas os laboratórios e os espaços sociais da escola ou instituição, mas também os disponíveis na comunidade. É necessária a realização atividades colaborativas, em que as experiências sejam vivenciadas individualmente e em grupo, atividades que privilegiem a dinâmica de projetos, que invistam o aluno de responsabilidades reais ante o seu aprendizado e o mundo que o cerca.

**Demonstrativo de matrículas:**

<b>ANO</b>	<b>ALUNOS</b>
2004	280
2005	290
2006	310
2007	300
2008	300
2009	310
2010	320
2011	310
2012	290
2013	300
2014	308

Nesse contexto, o “aulismo” passa a ser prática do passado, abrindo caminho para a pedagogia do “estar no mundo”. A sala de aula deixa de ser o templo da transmissão e da repetição do saber, para ser palco de momentos importantes de socialização do aprendizado individual, de experiências em grupo, do diálogo, do confronto entre essas experiências e a teoria, da formulação de problemas e da busca de soluções.

No que diz respeito à universidade, ela se propõe a formar o indivíduo crítico e atuante, transformando o meio em que vive. Observa-se, entretanto, na maioria das vezes, que o profissional que a universidade prepara tem uma postura apática diante do conhecimento, sente-se incapaz de recriar sua prática e, em geral, se limita a repetir na vida profissional o que aprendeu em sala de aula.

A pesquisa, prática fundamental no nível superior, é reservada a alguns eleitos, bolsistas ou alunos que prosseguem seus estudos em nível de Pós-Graduação, quando, na verdade, deveria estar presente no primeiro ano do curso, na forma de pesquisas básicas a serem desenvolvidas em todas as disciplinas. Desse modo, transpor-se-ia para o contexto das discussões, de sala de aula, a experiência do indivíduo, refletindo e interagindo no meio em que atuará futuramente, enquanto estagiário e, posteriormente, como profissional.

Em termos de estratégias de ensino, isso significa diminuir a importância das aulas expositivas, repensando o uso de materiais didáticos. Nessa perspectiva, esses materiais, embora agradáveis e visualmente atrativos, podem estar desprovidos de conteúdo teórico, alertando o

docente para a necessidade de se escolher o material didático condizente com o nível do aprendiz. Evidentemente, recursos que exijam do aluno uma situação passiva, de “receptor”, diante de um conteúdo a ser apreendido não podem ser considerados desejáveis, no contexto ensino-aprendizagem que privilegie a construção do saber.

Merecem considerações especiais, além disso, a utilização dos recursos de mídia e hipermídia nas escolas ou instituições, lembrando que o uso das tecnologias modernas de informática não pode desencadear, por si só, uma nova postura diante do processo ensino-aprendizagem. Moraes (1997, p.16) enfatiza que programas “[...] visualmente agradáveis, bonitos e até criativos podem continuar representando o paradigma instrucionista ao colocar no recurso tecnológico uma série de informações a serem repassadas ao aluno, reafirmando e expandindo a velha pedagogia do repasse de conhecimentos”.

A prática docente na era das relações deve considerar, finalmente, que a Educação visa, em última análise, à felicidade do indivíduo, contextualizando essa premissa à realidade de país de Terceiro Mundo. Isso significa pensar um Projeto Pedagógico que contribua, efetivamente, para o crescimento econômico e a divisão igualitária dos bens entre todos os brasileiros; um projeto em que conhecimento, criatividade e capacidade de reconstrução do saber mostrem-se fundamentais. Sem essa visão clara, nossa pedagogia concorre para a redução do país a mero importador de produtos e de tecnologias estrangeiras, perpetuando a desigualdade e a cultura de dependência.

A atual estrutura sofre, a partir desse projeto, uma alteração significativa, no intuito de atualização das disciplinas e conteúdos, com vistas a uma eficiência e eficácia operacional e uma construção dos saberes.

#### 4.2 MISSÃO DO CURSO DE LETRAS DO CESI

Formar um profissional qualificado que, ao dominar o conhecimento da língua e literatura, possa servir à comunidade com consciência de ser humano, educado e cidadão, que possa servir à sociedade nas diversas habilidades de sua área de atuação.

#### 4.3 OBJETIVOS DO CURSO

O Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do CESI-UEMA visa, profissionalmente, a formar professores para atuarem em escolas de

Ensino Fundamental e Médio das redes oficial e particular, bem como formar cidadãos críticos capazes de transformar a sociedade.

#### **4.3.1 Objetivos gerais**

- Contribuir para a educação do ser humano, fornecendo-lhe elementos possibilitadores de sua crescente humanização, instrumentando-o para servir com consciência e dignidade a sociedade na qual está inserido;
- Preparar profissionais de Língua Portuguesa capazes de dominar a norma culta padrão e de compreender a organização e o funcionamento da Língua Portuguesa nos planos linguístico e literário, no interior da sociedade brasileira, desenvolvendo práticas que ampliem as possibilidades interpretativas e a organização do trabalho intelectual do sujeito letrado.

#### **4.3.2 Objetivos específicos**

- Ampliar o domínio da Língua Portuguesa em termos de leitura, escrita, compreensão e expressão oral de diferentes tipos de textos;
- Conhecer e compreender as diferentes teorias e instrumentos linguísticos que sustentam as práticas de Língua Portuguesa na sociedade brasileira e nas sociedades de Língua Inglesa;
- Compreender o funcionamento da Língua Portuguesa, sincrônica e diacronicamente, em seus diferentes níveis e modalidades, sistematizando, descrevendo e analisando os fatos linguísticos;
- Reconhecer as variedades linguísticas do Português e os efeitos de sentido que elas provocam em termos linguísticos, literários, sociais e políticos.

#### **4.3.3 Estratégias de realização dos objetivos do curso**

O pressuposto é que se trabalhe de forma que os objetivos do curso sejam alcançados. Desta forma, tendo em vista a persecução dos objetivos estabelecidos e o seguimento das diretrizes indicadas, esboçamos as seguintes estratégias de ação para o curso, cujas instâncias devem estar abertas a propostas da comunidade interna e externa. As propostas devem ser

discutidas pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE), aprovadas pelo Colegiado do Curso e homologadas pelo conselho departamental. Algumas das ações que se pretende realizar, estão citadas a seguir:

1. Traçar as diretrizes com o Colegiado de Curso, que interagee com o corpo discente e docente do curso, em uma gestão democrática e participativa das atividades desenvolvidas a partir das diretrizes definidas por este Projeto Pedagógico;
2. Criação e desenvolvimento de meios de comunicação efetivos dentro da comunidade interna, entre a comunidade interna e a sociedade em geral e vice-versa. Por exemplo, o curso deve ter um/uma:
  - a) *Site* (local virtual) do curso na Internet, com ligações para outros *sites* relevantes, com atualização dinâmica, que reflita o dia-a-dia do curso e com vistas ao recebimento de mensagens externas;
  - b) Revista do curso, de circulação interna e externa, com produções do corpo docente e discente;
  - c) Outros meios de comunicação, provocados internamente;
  - d) Utilização de programas das emissoras locais de rádio e televisão para divulgação das produções do Departamento.
3. Realização de eventos que possibilitem o intercâmbio e a ligação da comunidade interna com profissionais e personalidades em relevância, que sirvam de referência, ou seja, motivo de debate para a comunidade acadêmica, para o mercado ou para a sociedade em geral:
  - a) Aula inaugural a ser realizada no início de cada semestre letivo;
  - b) Encontros, debates e seminários fortuitos provocados interna ou externamente.
4. Realização de eventos que possibilitem à comunidade interna o acesso direto à sociedade em geral, à comunidade acadêmica ou ao mercado, *in loco* ou a partir do Campus:
  - a) Visita à comunidade estudantil pré-universitária;
  - b) Encontros, debates e seminários fortuitos provocados interna ou externamente.
5. Realização de eventos e atividades que possibilitem intercâmbio e a ligação da comunidade acadêmica interna, dos *Campi* – discentes, docentes e administradores – entre si:
  - a) Festas ou encontros culturais a serem realizados durante cada semestre;
  - b) Reunião de acompanhamento do curso, a ser realizada mensalmente;
  - c) Acompanhamento do rendimento acadêmico, a ser realizado a cada bimestre;

- d) Outros seminários, reuniões e festas provocados internamente.
6. Participação de representantes do curso em congressos, encontros e seminários locais, regionais, nacionais, internacionais que tenham relevância e pertinência e que sejam considerados de especial interesse para o desenvolvimento do nível acadêmico do curso.
  7. Criação e execução de Cursos de Extensão que apoiem a atividade acadêmica ou que integrem a universidade com a sociedade civil;
  8. Realização de Cursos de Pós-Graduação que capacite a comunidade local ou regional;
  9. Criação de parcerias com outras instituições de modo a facilitar intercâmbios científicos e culturais, visitas técnicas, palestras, debates, seminários, assim como a realização de estágios pelo corpo discente;
  10. Criação de monitorias nas disciplinas em que os alunos demonstrem maior deficiência ou nas que a assistência deva ser mais necessária.

#### 4.4 TITULAÇÃO CONFERIDA PELO CURSO

O profissional oriundo desse curso de letras é Licenciado em Letras e tem habilitação para trabalhar com Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Esse profissional pode atuar em diversas áreas, como explicitado no próximo item.

#### 4.5 DESAFIOS DO CURSO

Um dos grandes desafios do curso é melhorar a qualidade dos serviços que oferece. Esse desafio envolve muitos aspectos, entre eles destacam-se alguns abaixo:

- Conclusão do curso em oito períodos;
- Composição de quadro docente que atenda à demanda do curso com suas respectivas habilitações;
- Ampliação do quadro administrativo com profissionais devidamente capacitados para as funções;
- Ampliação e atualização periódica do acervo bibliográfico;
- Aquisição de recursos técnicos e tecnológicos para atender às necessidades dos docentes e discentes do curso;
- Aquisição de um laboratório linguístico;

- Implantação de uma sala específica para sessões de vídeo;
- Ampliação do número de salas de aula;
- Promover cursos e atividades de extensão (seminários, mesas-redondas, palestras, mostras, painéis, minicursos, encontros);
- Implantação de cursos sequenciais e de Pós-graduação;
- Incentivar a pesquisa científica tanto dos docentes como dos discentes;
- Produção de periódico (jornal ou revista) que contemple a produção científica e literária dos discentes e docentes do curso;

Uma dos desafios que se pretende manter e aperfeiçoar cada vez mais é a avaliação semestral dos professores e funcionários do curso. O objetivo é usar as informações; os dados para a melhoria dos serviços que o curso oferece.

#### 4.6 CORPO DISCENTE

No Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do CESI/UEMA, podemos observar os índices de inscritos nos concursos vestibulares, nos últimos anos, que estampa uma concorrência média de mais de 12 (doze) candidatos por vaga, o que ratifica a necessidade de se ofertar vagas no turno vespertino para um público mais jovem e que acaba de sair do curso médio, e no turno noturno para contemplar todos os candidatos (aprovados) que desenvolvem atividades profissionais durante o dia.

Dessa forma, o corpo discente do curso é formado por pessoas de faixa etária diversa, que residem na sede e nas comunidades do município, por moradores de diversos municípios vizinhos e por pessoas de outros estados, como o Tocantins e o Pará. O que se observa é que, embora já tenha um centro da UEMA na cidade de Açailândia, alguns preferem deslocarem-se para Imperatriz, para o CESI. Um fato a destacar é que nos últimos anos o número de pessoas mais jovens tem aumentado no curso. A demanda e a oferta dos últimos processos seletivos podem ser vistas nos apêndices (Apêndice A).

#### 4.7 DEMANDAS, VAGAS, TURMAS E TURNOS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

O ingresso de alunos no curso tem ocorrido mediante a oferta feita. Pela limitação estrutural/física do CESI, bem como pelo número de professores que o trabalha no curso, tem-se optado por uma única entrada no ano. Sendo que a cada ano se alterna o turno de

entrada para que as oportunidades sejam dadas àqueles que têm disponibilidade limitada a um dos turnos, em que o curso é oferecido: vespertino e noturno (ver apêndice B)

#### 4.8 PERFIL DO PROFISSIONAL ORIUNDO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa se propõe a formar profissionais aptos a inovarem, de forma criativa, eficiente e eficaz, ante os desafios que a sociedade lhes impõe. Entre os maiores pode-se citar a contribuição para a erradicação do alto índice de analfabetismo do estado e para acabar com a falta de qualificação dos profissionais que permanecem na educação, embora não tenha capacidade para tal.

O licenciado em Letras é habilitado a atuar com Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, tem formação de caráter humanístico e conhecimento linguístico-cultural. Compete a esse profissional atuar de forma contínua e dinâmica no ensino de língua e literaturas nacional e estrangeira e atuar também na dualidade da produção científica e literária no contexto educacional.

Os estudos referentes à Língua Portuguesa e respectivas literaturas em Língua Portuguesa deverão concorrer para uma maior compreensão da natureza humana, para o desenvolvimento da capacidade intelectual e criativa do acadêmico e, conseqüentemente, para o desenvolvimento social.

O Departamento do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa se empenhará, ainda, para que o egresso deixe a instituição com os seguintes atributos e qualidades pessoais.

*Atributos:*

- Sólida base cultural;
- Autodidatismo – aprender a aprender;
- Interesses em assuntos gerais;
- Espírito empreendedor;
- Habilidade em reconhecer oportunidades;
- Capacidade de trabalhar em equipe;
- Capacidade de ler, redigir e expressar-se coerentemente.



*Qualidades Pessoais:*

- Consciência política e ética nas atitudes;
- Criatividade;
- Meticulosidade;
- Perseverança;
- Desembaraço;
- Serenidade;
- Sociabilidade;
- Bom humor;
- Iniciativa;
- Respeito ao educando;
- Ética nas atitudes.

#### 4.9 ÁREAS DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO CURSO

Historicamente, os cursos de Letras das IES se preocupam, quase que exclusivamente, com a formação do profissional do magistério; o professor. Porém, o leque desse profissional, de uns anos para cá, embora a opção magistério continue plena, ampliou-se significativamente.

Hoje, o profissional dessa área trabalha, na prática, com todas as facetas da linguagem humana, que compreendem:

1. O Ensino Fundamental e Médio, cursos livres, aulas particulares e de reforço, magistério superior (como auxiliar de ensino), instrutor para organizações, ensino instrumental;
2. A redação, pela produção e/ou revisão de textos, copidesque, editoração, secretariado e, não fossem certos óbices legais, o jornalismo e os secretariado executivo bilíngue.

A função do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa é formar educadores capazes de construir e disseminar conhecimentos pedagógicos e práticas técnico-científico-culturais, alicerçadas na pesquisa, nas exigências sociais necessárias ao desenvolvimento da região, buscando construir uma sociedade com visão crítica e participativa.

As atividades de um licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa vão além do trabalho docente. Poderá também exercer

atividades diversas, como editoração de textos, assessoria de redação, revisor e consultor em instituições de pesquisa de serviço público, em empresa de turismo, de jornalismo, em órgão de difusão cultural e artística, em agências de publicidade, em representações diplomáticas e em editoras.

Para formar um profissional competente que possa atuar nesses diferentes segmentos, o Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa precisa ter uma estrutura de sustentação, que vai desde o estudo das disciplinas das áreas metodológicas, conteúdos específicos e conteúdos genéricos, voltados para o ensino e a pesquisa até às práticas, como professores competentes e bem remunerados, biblioteca atualizada e laboratório bem equipado.

Dessa forma, o profissional licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa está pronto para atuar no Ensino Fundamental e Médio, exercendo sua função docente crítica e consciente, buscando efetuar as necessárias mudanças, com vistas à otimização do processo ensino-aprendizagem, sem perder de vista a realidade específica do aluno desta região. Esse profissional, pelo currículo que lhe é oferecido, está apto, também, a desenvolver no aluno a capacidade de análise, o espírito crítico, a capacidade de raciocínio e a criatividade.

De forma mais pontual, pode-se dizer que o profissional egresso do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pode atuar nas seguintes áreas:

- Letras;
- Artes;
- Comunicação;
- Cultura;
- Pedagogia;
- Tradução;
- Editoração;
- Ensino.

#### 4.10 NORMAS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

Há algumas orientações estabelecidas e acordadas, pela gestão do curso, especialmente, relacionadas ao TCC, porém, o curso segue as Normas Gerais do Ensino de Graduação,

estabelecidas pelo Campus Central e aprovadas pela Resolução nº 1045/2012 – CEPE/UEMA, 19 de dezembro de 2012. Estas normas encontram-se nos anexos.

## **5 GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO**

O curso é gerido por docentes do quadro do CESI/UEMA, do departamento de Letras e, principalmente pelos integrantes do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. A gestão é composta da seguinte forma:

- Pela Chefia de departamento;
- Pela Direção de curso;
- Pela Assembleia departamental;
- Pelo Colegiado;
- Pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE).

### **5.1 COLEGIADO DO CURSO**

O Colegiado do Curso, como um órgão deliberativo e consultivo do curso, para realizar sua tarefa, adota as Normas Específicas aprovadas pela Resolução nº 890/2009-CEPE/UEMA. O Colegiado do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa foi formado conforme o Capítulo V, Art. 19 a 22, Seção I a III das orientações do Regimento dos Órgãos Deliberativos e Normativos da UEMA e tem a seguinte composição: um presidente (o diretor do curso) e mais cinco professores (ver apêndice C).

As reuniões do colegiado ocorrem, em sua maioria, em caráter extraordinário, ou seja, ele é convocado quando surge uma necessidade.

### **5.2 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE)**

Os membros do Núcleo Docente estruturante (NDE) foram indicados pelo colegiado e tem função consultiva, propositiva e de assessoramento das atividades do curso. O mandato é de 3 anos, podendo ser renovado por dois. O NDE deve ter, pelo menos, duas reuniões semestrais. O quadro com os membros encontra-se no apêndice D.

### **5.3 AVALIAÇÃO CURRICULAR: USO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DO CURSO**

As notas obtidas nas avaliações, nas quais o curso é submetido, como o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), por exemplo, são consideradas como bons indicadores

para o planejamento estratégico de melhoria do curso. Desta forma, quando se recebe as notas/os conceitos, são realizadas reuniões e feitas reflexões e discussões com alunos e professores com o objetivo de avaliar onde e como se pode melhorar. Como uma das ações que podem contribuir para a melhoria da qualidade da formação dos alunos é o incentivo à formação dos professores. Desta forma, dos efetivos, até agora, somente um ainda não cursou ou está cursando, pelo menos, o mestrado. A nota que se obtém é fator relevante, pois a sobrevivência do curso está relacionada à ela. O conceito publicado pelo Enade nos últimos dois anos encontra-se no apêndice E.

## 6 CURRÍCULO DO CURSO

O Currículo do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, aliado ao conhecimento, precisa ser visto como uma construção e produção de relações sociais, orientado em uma perspectiva crítica, cuja ação-reflexão-ação se firme como atitude com vistas a ultrapassar a visão do senso comum.

Partindo-se do princípio que os alunos do Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa já são professores, convém ressaltar que sua prática profissional será levada em consideração para a formação da nova estrutura curricular, visto que os núcleos metodológicos do curso são o princípio educativo do trabalho, concebido na indissociável relação teoria-prática e o princípio construtivista.

O Currículo do Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa apoia-se em dois núcleos de estudos: os fundamentos da educação, que estão voltados para a complexidade do fenômeno educativo escolar, enquanto prática social e institucional; as matérias, que embasam o ensino da língua materna e das literaturas objeto do curso, trabalhadas em seus fundamentos epistemológicos, metodológicos e pedagógicos.

A sociedade exige competência científica e técnica, além de uma sólida visão política e postura ética. Constata-se nessa exigência a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como garantia de uma formação contextualizada.

Dessa forma, o conceito de indissociabilidade perpassa a produção do saber novo, o uso de práticas de intervenção direta nos processos sociais, assim como a formação de profissionais comprometidos com o investigar os novos rumos apontados pela sociedade.

Princípios axiológicos (sensibilidade, ética, igualdade) e pedagógicos (identidade, diversidade, autonomia, interdisciplinaridade e contextualização) são indispensáveis na organização curricular do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pois somente assim será oportunizado ao graduando realizar suas ações com êxito. Observando esses princípios, cada disciplina deve contemplar as diversidades e heterogeneidade para se chegar a uma unidade. Deve-se, então, pensar conjuntamente o currículo, sua estrutura e seus métodos, não desvalorizando a interdisciplinaridade.

### 6.1 REGIME ESCOLAR

#### 1. Duração do Curso:

Mínima: 4 anos

Máxima: 7 anos

**2.** Regime: semestral com disciplinas semestrais

**3.** Dias anuais úteis: 200

**4.** Dias úteis semanais: 6

**5.** Semanas aulas semestrais: 18

**6.** Semanas matrículas semestrais: 1

**7.** Semanas provas semestrais: 3

**8.** Carga horária do currículo pleno:

Horas: 3.135

Créditos: 144

**9.** Sistema de créditos:

15 aulas teóricas = 1 crédito

30 aulas práticas = 1 crédito (em atividades individuais ou em grupo, com ou sem tutoria, em iniciação científica, na elaboração de monografia final de graduação, em estágios e prestação supervisionada de serviços à comunidade, etc.)

45 aulas de estágio = 1 crédito

**10.** Módulo/aula: 45 minutos

**11.** Horário de Funcionamento do Curso:

Tarde: 13h20min às 18h20min

Noite: 18h20min às 22h30min

Anualmente são oferecidas 35 (trinta e cinco) vagas, com processo seletivo semestral para entrada de 35 (trinta e cinco) alunos, formando-se uma única turma no 1º semestre de cada ano, com entrada alternada em cada turno de funcionamento: vespertino e noturno.

De acordo com o Rege o Anexo II das Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução nº 1045/2012 - CONSUN/UEMA, em 19 de dezembro de 2012. Segundo essas normas, a admissão aos cursos de graduação da Universidade Estadual do Maranhão dar-se-á pela matrícula de candidatos que hajam assegurado o direito de acesso mediante seletivo nas seguintes modalidades:

I - aprovação em processo seletivo;

II - transferências;

III - portador de Diploma de Curso Superior Reconhecido;

IV - convênio Cultural Internacional;

V - readmissão;

VI - mudança de curso, *campus* e turno.

Ainda tratando do ingresso, as Normas explicitam detalhadamente sobre o processo seletivo, transferências obrigatória e facultativa, o Portador de diploma de curso superior reconhecido pelo CNE ou CEE, o Convênio Cultural Internacional, a Readmissão e a Mudança de curso, *campus* e turno (documento em anexo).

Funcionando em sistema anual, o processo seletivo para acesso por um destes mecanismos é feito no segundo semestre de cada ano letivo.

Para concluir o Curso o aluno deve ser aprovado em todas as disciplinas definidas na matriz curricular, no estágio supervisionado e no trabalho de conclusão de curso, bem como comprovar o cumprimento da carga horária mínima para as atividades curriculares complementares.

## 6.2 PROPOSTA CURRICULAR

Os currículos do Curso de Letras habilitação Português/Inglês e Português/Literatura, desativados em 2002-2003, teve como fundamentação a Resolução s/n de outubro de 1962.

A estrutura curricular abrangia uma sequência ordenada de disciplinas agrupadas em períodos semestrais, cuja integralização dava direito ao diploma. O controle da integralização curricular era feito pelo sistema de períodos semestrais, correspondendo cada período ao mínimo de 300 e ao máximo de 375 horas/aula.

O Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa continuará estruturado em sistema de créditos, havendo aulas teóricas e práticas, seguidas de Prática de Ensino e Estágio Curricular. Na organização curricular, as matérias permanecerão desdobradas em disciplinas, estabelecendo-se um sistema de modo a assegurar a ordenação lógica dos conhecimentos.

Ressalta-se que o Parecer do Conselho Nacional de Educação nº 28/2001 –CNE/CP, aprovado em 02/10/01, determina a Prática de Ensino, como componente curricular, considerando a relação teoria e prática tal como expressa o Art. 1º, Parágrafo 2º, da LDB, bem como o Art. 3º inciso XI, que apresenta o conceito de Prática de Ensino no Parecer CNE/CP 09/01, revogando a Resolução nº 050/97 CEPE/UEMA, que estabelecia a carga horária de 300 horas para a Prática de Ensino nos cursos de Licenciatura.



Neste projeto, será considerada a alteração prevista por esse Parecer, que obriga o aumento da carga horária para mais de um terço da carga horária anterior (300 horas), perfazendo um total de 405 horas, ou seja, 9 (nove) créditos de 45 horas.

Entretanto, obedecendo ao Projeto de Resolução CNE/CP, de agosto de 2001, o Parágrafo Único, Art. 1º diz que: *“os alunos que exercerem atividades docentes regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 horas”*. Assim obedeceremos *ipsis literis* o que reza este projeto.

Deverão ser previstas, ainda, 225 (duzentas e vinte cinco) horas destinadas a outras formas de atividade acadêmico-científico-culturais que serão efetivadas através de monitorias, produção de estudos elaboração de pesquisas, oficinas, seminários, eventos, atividades de extensão e minicursos relacionados ao ensino de Letras.

Outra alteração a ser feita por este projeto será a mudança dos nomes das disciplinas do currículo antigo por uma nomenclatura que esteja relacionada diretamente aos conteúdos curriculares das disciplinas, eliminando-se os algarismos romanos, que nada informam sobre o seu significado, como também determina a Resolução nº 203/2000 – CEPE/UEMA, respaldada no Art. 53, inciso II, da LDB nº 9394/96. Ressalta-se que até mesmo as disciplinas relacionadas à língua estrangeira seguirão esta determinação, para que, dessa maneira, esteja explicitado o que será trabalhado a cada semestre.

Este projeto, fundamentado nas Diretrizes do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, integrará os conteúdos caracterizadores de formação profissional em Letras aos conteúdos básicos ou do núcleo comum.

Conforme as Diretrizes Curriculares para o Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, o núcleo comum de conhecimentos a serem adquiridos, em qualquer modalidade, corresponde essencialmente ao conjunto de conteúdos propostos para o Exame Nacional de Cursos – Letras. Em síntese:

### **Língua Portuguesa:**

- Leitura e Produção de Textos;
- Fonologia;
- Morfologia;
- Sintaxe;
- Semântica;
- Estilística;

- Formação Histórica.

### **Literaturas Brasileira e Portuguesa:**

- Condições de produção, circulação e recepção das obras relevantes das literaturas brasileira e portuguesa em seus diferentes momentos históricos;
- Fortuna crítica das obras relevantes das literaturas brasileira e portuguesa;
- Articulação das categorias relevantes de diferentes teorias da literatura às obras das literaturas brasileira e portuguesa.

### **Linguística:**

- Aspectos fonéticos e fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, discursivos, sociais, psico-cognitivos e culturais da linguagem;
- Teorias da aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita.

### **Teoria da Literatura:**

- Conceitos, funções, gêneros e periodização da literatura;
- Diferentes vertentes dos estudos literários;
- Elementos constitutivos da prosa, da poesia e do teatro.

### **Línguas Clássicas:**

No caso, recomenda-se a ênfase, no que couber, nos componentes de conteúdo elencados anteriormente.

Discentes de outras áreas (afins) de conhecimento que queiram obter outra habilitação de natureza complementar com o fim de expandir qualitativamente seu perfil profissional, formados ou em via de formação em outras áreas, terão seu ingresso garantido através de um processo seletivo.

## **6.3 DISCIPLINAS DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO CESI/UEMA**

<b>MATÉRIAS</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CH</b>	<b>CRÉDITOS</b>
Língua Portuguesa	Leitura e Produção Textual (NC)	60	04
	Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa (NCL)	60	04
	Morfologia da Língua Portuguesa	60	04
	Sintaxe da Língua Portuguesa (NE)	60	04
	Semântica da Língua Portuguesa (NCL)	60	04
	Filologia Românica (NCL)	60	04
	Lusofonia (NCL)	60	04
	Produções Acadêmico-Científicas (NCL)	60	04
Teoria Literária	História da Literatura (NCL)	60	04

	Teoria Literária: introdução aos estudos literários e o gênero lírico e o épico (NCL)	60	04
	Teoria Literária: correntes da Crítica Literária e o gênero dramático (NCL)	60	04
Literatura Portuguesa	Literatura Portuguesa das origens ao Arcadismo (NE)	60	04
	Literatura Portuguesa do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04
	Literatura Portuguesa do Simbolismo às Tendências Contemporâneas (NE)	60	04
Metodologia Científica	Metodologia Científica (NC)	60	04
Libras	Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS – (NC)	60	04
Literatura Brasileira	Literatura Brasileira das origens ao Arcadismo (NE)	60	04
	Literatura Brasileira do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04
	Literatura Brasileira do Simbolismo ao Modernismo (NE)	60	04
	Literatura Brasileira - Tendências Contemporâneas (NE)	60	04
Literatura Maranhense	Literatura Maranhense	60	04
Literaturas Africanas	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (NCL)	60	04
Literatura Infanto-Juvenil	Literatura Infanto-juvenil (NC)	60	04
Latim	Morfossintaxe da Língua Latina (NCL)	60	04
Linguística	Fundamentos da Linguística (NCL)	60	04
	Sociolinguística (NE)	60	04
	Linguística Aplicada (NE)	60	04
	Análise do Discurso (NCL)	60	04
Filosofia	Filosofia da Educação (NC)	60	04
Psicologia	Psicologia da Aprendizagem (NC)	60	04
Sociologia	Sociologia da Educação (NC)	60	04
Didática	Didática (NC)	90	04
Política Educacional Brasileira	Política Educacional Brasileira (NC)	60	04
Prática de Ensino	Práticas de Projetos Pedagógicos (NCL)	135	03
	Prática de Análise Linguística e Textos Literários em Língua Portuguesa (NCL)	135	03
	Prática Interdisciplinar de Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa (NE)	135	03
Estágio Curricular	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Fundamental (NCL)	225	05

	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Médio (NCL)	180	04
Optativas	Optativa I	60	04
	Optativa II	60	04

#### 6.4 ESTRUTURA CURRICULAR

**Curso:** Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

**Grau:** Licenciatura Plena

**Carga Horária:** 3.135 horas-aulas

**Créditos:** 167

**Integralização curricular:** Mínimo em 8 semestres

Máximo em 14 semestres

##### 6.4.1 Disciplinas de Formação Específica

<b>ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA</b>							
Ord.	Cód.	1º PERÍODO – DISCIPLINAS			Créditos		Total
			CH	Teórico	Prático	Créditos	
1	ULET 46	Leitura e Produção Textual (NC)	60	04	---	04	
2	ULET 101	Morfossintaxe da Língua Latina (NCL)	60	04	---	04	
3	ULET 102	História da Literatura (NCL)	60	04	---	04	
4	ULET 147	Filosofia da Educação (NC)	90	06	---	06	
5	ULET 104	Metodologia Científica (NC)	60	04	---	04	
6	ULET 148	Psicologia da Aprendizagem (NC)	60	04	---	04	
<b>TOTAL</b>			<b>390</b>	<b>26</b>	<b>---</b>	<b>26</b>	
		2º PERÍODO – DISCIPLINAS			Créditos		Total
			CH	Teórico	Prático	Créditos	
7	ULET 106	Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04	
8	ULET 107	Política Educacional Brasileira (NC)	60	04	---	04	
9	ULET 108	Teoria Literária: introdução aos estudos literários e o gênero lírico e o épico (NCL)	60	04	---	04	
10	ULET 172	Fundamentos da Linguística (NCL)	60	04	---	04	
11	ULET 110	Sociologia da Educação (NC)	60	04	---	04	
12	ULET 149	Práticas de Projetos Pedagógicos (NCL)	135	---	03	03	
<b>TOTAL</b>			<b>435</b>	<b>20</b>	<b>03</b>	<b>23</b>	
		3º PERÍODO – DISCIPLINAS			Créditos		Total
			CH	Teórico	Prático	Créditos	
13	ULET 150	Didática (NC)	90	06	---	06	
14	ULET 133	Teoria Literária: correntes da Crítica Literária e o gênero dramático (NCL)	60	04	---	04	
15	ULET 151	Sociolinguística (NE)	60	04	---	04	
16	ULET 62	Morfologia da Língua Portuguesa (NE)	60	04	---	04	
17	ULET 130	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04	

18	ULET 152	Prática de Análise Linguística e Textos Literários em Língua Portuguesa (NCL)	135	---	03	03
<b>TOTAL</b>			<b>465</b>	<b>22</b>	<b>03</b>	<b>25</b>
<b>4º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	<b>Crédito</b>
19	ULET 131	Filologia Românica (NCL)	60	04	---	04
20	ULET 66	Literatura Brasileira: das origens ao Arcadismo (NE)	60	04	---	04
21	ULET 64	Literatura Infanto-juvenil (NC)	60	04	---	04
22	ULET 65	Literatura Portuguesa: das origens ao Arcadismo (NE)	60	04	---	04
23	ULET 67	Sintaxe da Língua Portuguesa (NE)	60	04	---	04
24	ULET 153	Prática Interdisciplinar de Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa (NE)	135	---	03	03
<b>TOTAL</b>			<b>435</b>	<b>20</b>	<b>03</b>	<b>23</b>
<b>5º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	
25	ULET 132	Semântica da Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04
26	ULET 69	Literatura Portuguesa: do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04	---	04
27	ULET 70	Literatura Brasileira: do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04	---	04
28	ULET 114	Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS – (NC)	60	04	---	04
29	ULET 173	Linguística Aplicada (NE)	60	04	---	04
30	ULET 120	Literatura Maranhense (NE)	60	04	---	04
<b>TOTAL</b>			<b>360</b>	<b>24</b>	<b>---</b>	<b>24</b>
<b>6º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	
31	ULET 116	Lusofonia (NCL)	60	04	---	04
32	ULET 117	Literatura Portuguesa: do Simbolismo às Tendências Contemporâneas (NE)	60	04	---	04
33	ULET 71	Literatura Brasileira: do Simbolismo ao Modernismo (NE)	60	04	---	04
34	ULET 118	Produções Acadêmico-Científicas (NCL)	60	04	---	04
35		Optativa I (NL)	60	04	---	04
36	ULET 154	Análise do Discurso (NCL)	60	04	---	04
<b>TOTAL</b>			<b>360</b>	<b>24</b>	<b>---</b>	<b>24</b>
<b>7º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	
37	ULET 119	Literatura Brasileira: tendências contemporâneas (NE)	60	04	---	04
38		Optativa II (NL)	60	04	---	04
39	ULET 155	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Fundamental (NCL)	225	----	05	05
<b>TOTAL</b>			<b>345</b>	<b>08</b>	<b>05</b>	<b>13</b>
<b>8º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	
40	ULET 73	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Médio (NCL)	180	---	04	04
	ULET 121	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais - AACC	225	----	05	05
	ULET 122	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC				
<b>TOTAL</b>			<b>405</b>	<b>----</b>	<b>09</b>	<b>09</b>
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>3.135</b>	<b>144</b>	<b>23</b>	<b>167</b>

## 6.4.2 Disciplinas Comuns a outros Cursos

Ord.	Cód.	DISCIPLINAS DO NÚCLEO COMUM PARA AS LICENCIATURAS	CH	Crédito		Total
				Teórico	Prático	
1		Filosofia da Educação	90	06	---	06
2		Sociologia da Educação	60	04	---	04
3		Psicologia da Aprendizagem	60	04	---	04
4		Política Educacional Brasileira	60	04	---	04
5		Didática	90	06	---	06
6		Leitura e Produção Textual	60	04	---	04
7		Metodologia Científica	60	04	---	04
8		Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – Lei nº 10.436/2002	60	04	---	04
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>540</b>	<b>36</b>	<b>---</b>	<b>36</b>

## 6.4.3 Disciplinas Livres

Ord.	Cód.	DISCIPLINAS DO NÚCLEO LIVRE (NL)	CH	Crédito		Total
				T	P	
1		Educação Especial e Inclusiva (NL)	60	4		4
2		História da Educação Brasileira (NL)	60	4		4
3	ULET134	Filosofia da Linguagem (NL)	60	4		4
4	ULET156	Teoria da Comunicação (NL)	60	4		4
5	ULET157	Cultura e Realidade Brasileira (NL)	60	4		4
6		Língua Estrangeira Instrumental (NL)	60	4		4
7		Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (NL)	60	4		4
8		História e Cultura Indígena (NL)	60	4		4
9		Projetos de Pesquisa (NL)	60	4		4
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>540</b>	<b>36</b>	<b>---</b>	<b>36</b>

## 6.5 EMENTÁRIOS E REFERÊNCIAS DAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO PLENO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

**1º PERÍODO****❖ LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL - 60h - (NC)**

Linguagem. Texto e textualidade. Gramática do texto. Critérios para a análise da coerência e da coesão. Intertextualidade. Prática de leitura e produção de textos.

**BIBLIOGRAFIA:****Básica:**

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula. São Paulo: Petrópolis, 2002.

DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) Gêneros textuais & ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2003.  
 KLEIMAN, Ângela. Leitura: ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2001.  
 KOCH, Ingedore G. Villaça. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2003.  
 \_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 2003.

**Complementar:**

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003.  
 VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

❖ **MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA LATINA - 60h - (NCL)**

Civilização romana. Origem e evolução da língua romana. Sintaxe latina. Flexão nominal (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª declinações). Flexão verbal (voz ativa): as quatro conjunções e o verbo ESSERE.

**BIBLIOGRAFIA:**

**Básica:**

ALMEIDA, Napoleão Mendes. Gramática latina. São Paulo: Saraiva, 1995.  
 COMBA, P. Júlio. Introdução à língua latina. São Paulo: Salesiana, 2002.  
 MELASSO, Janete. Introdução à prática do latim. Brasília: UNB, 2001.

**Complementar:**

BUSSARELLO, Raulino. Dicionário básico latino - português 6.ed. Florianópolis: UFSC, 2003.  
 CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao latim. São Paulo: Ática, 2001.  
 COMBA, P. Júlio. Gramática latina. São Paulo: Salesiana, 2002.  
 REZENDE, Antônio Martinez de. Latina essentia: preparação ao latim. 3.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.  
 STOCK, Leo. Gramática de latim. Lisboa: Presença, 2000.

❖ **HISTÓRIA DA LITERATURA - 60h - (NCL)**

Os gêneros literários clássicos como visões de mundo socialmente diferentes. Literatura grega: a poesia épica clássica; a dramaturgia grega. A periodização da literatura latina. Formação da poesia e da prosa latina. O modelo clássico canônico das epopeias ocidentais; o gênero lírico como expressão da visão democrática e libertadora de parâmetros aristocráticos.

**BIBLIOGRAFIA:**

**Básica:**

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. Teoria da literatura. Coimbra: Portugal: Livraria Almedina, 1996.  
 AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. 2. ed. São Paulo: Cultrix, [s.d].  
 CALVINO, Italo. Por que ler os Clássicos? São Paulo: Companhia das Letras, 1994.  
 D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria de texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática.  
 \_\_\_\_\_. Teoria e texto 2: teoria lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.  
 MOISÉS, Massaud. A criação literária: poesia. 12. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1993.  
 SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. 14. ed. rev. e atualiz. Petrópolis: Vozes, 2001.  
 STAIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Tradução de Celeste Aída Galeão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo

Brasileiro, 1997 (Coleção Biblioteca Tempo Universitário, 16).

Complementar:

CADEMARTORI, Lígia. Períodos literários. 9. ed. 4. impressão. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios, 21).

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos? Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. Petrópolis: Vozes: 1992.

COSTA, Lígia Militz da. A poética de Aristóteles - mimese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura ocidental: autores e obras fundamentais. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra; revisão da tradução de João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOLDSTEIN, Norma. Versos, sons, ritmos. 14. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios, 06).

GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. Introdução ao estudo da literatura. São Paulo: Atlas, 1991.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. Teoria da literatura em suas fontes. Vols. 1 e 2. Ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

#### ❖ FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO - 90h - (NC)

Filosofia da Educação e suas raízes históricas. Fundamentos filosóficos da educação: concepção humanista – tradicional e moderna. A Filosofia da práxis e a dimensão ontológica da educação. Problemas básicos em Filosofia da Educação. Educando e educador: ideologia e utopia, repressão e libertação. Filosofia da educação no contexto brasileiro.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

ARANHA, Maria Lucia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

BONDIN, Jean. Los seis Libros de La República ao filosofar. Madrid, Espanha: Editorial Tecnos, 1997.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. O que é realidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.

##### **Complementar:**

GEOVANNI, Reale e ANTISERI, Dário. História da Filosofia, V. I, II e III. São Paulo: Paulus, 1990.

GEOVANNI, Reale. História da Filosofia Antiga, V. I, II, III, IV e V. São Paulo: Loyola, 1993.

LACORTE, Jean. A filosofia no século XX. São Paulo: Papyrus, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos e PASSOS, Elizete Silva. Introdução a Filosofia, Aprendendo a pensar. São Paulo: Cortez, 1995.

LORBISIER, Roland. Introdução a Filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LUCKESI, Cipriano Carlos e PASSOS, Elizete Silva. Introdução a Filosofia, Aprendendo a pensar. São Paulo: Cortez, 1995.



### ❖ **METODOLOGIA CIENTÍFICA – 60h - (NC)**

Metodologia científica. Conhecimento. Ciência. Métodos científicos. Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa. Relatório científico.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1994.

DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 1994.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. Metodologia científica. 2 ed. Ver. Amp. São Paulo: Atlas, 1992.

\_\_\_\_\_. Metodologia do trabalho científico. 4 ed. Ver. Amp. São Paulo: Atlas, 1992.

MARCONI, M. de A., LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1990.

##### **Complementar:**

BUNGE, Mário. Ciência e desenvolvimento. Trad. Claudia Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

CERVO, L., BERVIAN, P. A. Metodologia científica. São Paulo: MC Graw - Hill do Brasil, 1976.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 36 ed. Col. Questões da nossa época nº. 13. São Paulo: Cortez, 1998.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1978.

### ❖ **PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM – 60h - (NC)**

Concepções atuais da Psicologia da Educação. Aspectos gerais do processo ensino – aprendizagem. Fatores psicológicos implicados na aprendizagem escolar. As teorias da aprendizagem. A interação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia e desenvolvimento humano. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Psicologia da aprendizagem. 30. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; Coelho, Maria Teresa. Problemas de aprendizagem. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001

NOVAIS, Maria Helena. Psicologia da educação e prática profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

TELES, Antonio Xavier. Psicologia moderna. 35. ed. São Paulo: Ática, 2001.

### **2º PERÍODO**

### ❖ **FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h - (NCL)**

Fonética. Fonologia. Aparelho fonador. Estudo fonético-fonológico da língua portuguesa, em uso no Brasil, tendo por referência compreensão de variações e variedades de seus registros escritos e orais como recursos expressivos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

CAGLIARI, Luis Carlos - Análise fonológica. Série linguística vol.1, Campinas, Ed. do Autor, 1997.

CALLOU, Dinah e LEITE, Ionne - Introdução à Fonética e Fonologia. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1990.  
 SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Uma pronúncia do português brasileira. São Paulo: Cortez, 2008.  
 \_\_\_\_\_. Estudos de fonética do idioma português. São Paulo: Cortez, 1982.

Complementar:

ASSIS, W. L. N. de. Estudo de curvas entonatórias do português do brasileiro. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1995.

CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

#### ❖ POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA – 60h (NC)

Políticas educacionais: determinantes políticos, históricos e sociais. Aspectos legais, normativos e organizacionais das políticas educacionais no Brasil. O Plano de Desenvolvimento da Educação como política para a educação no Brasil na atualidade.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ARANHA. Maria Lúcia de Arruda. História da educação. 15. ed. São Paulo: Moderna. 2002.

BANDÃO. Carlos da Fonseca. Estrutura e Funcionamento do Ensino. São Paulo: Avercamp. 2004.

BRASIL. Plano Decenal de Educação para todos. Brasília: MEC, 1994.

\_\_\_\_\_ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_ Lei que dispõe sobre o fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Lei nº. 9.424/96. MEC, 1996.

CARNEIRO, Moacir Alves, LDB Fácil Leitura Crítico – compreensiva: Artigo a Artigo. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHAGAS, Valmir. Educação Brasileira: O Ensino de 1º e 2º Graus Antes, Agora e Depois? São Paulo: Saraiva, 1978.

MARANHÃO. Sistema de Estado da Educação Plano decenal de Educação para todos. São Luís: SSEDUC/SIDGE, 1994.

\_\_\_\_\_ Diretrizes e Estratégias para política Educacional do Estado do Maranhão. São Luís: GDM, 2000.

\_\_\_\_\_ Proposta de Municipalização de Educação Infantil e Ensino Fundamental para o Estado do Maranhão. São Luís: SEEDUC, 2005.

PARO, Vitor Henrique (org). Políticas Públicas e Educação Básica. São Paulo: Xamã, 2001.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos, História da Educação Brasileira: A Organização Escolar. São Paulo: Autores Associados, 1993.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANE, Dermeval. Educação Lei de Educação: Trajetória, limites e perspectivas. 2 ed. São Paulo, 1997 – Coleção Educação Contemporânea.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. Como entender e aplicar a Nova LDB. Lei nº. 9.394/96. São Paulo:

Cortez, 1996.

❖ **TEORIA LITERÁRIA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS E O GÊNERO LIRÍCO E O ÉPICO – 60h – (NCL)**

A Teoria Literária – campo de atuação: noções básicas de Teoria da Literatura e a importância do seu estudo. A Literatura: conceitos e funções atribuídos à Arte Literária do período Clássico ao Contemporâneo. A criação poética: a natureza e o significado do ato criador. A linguagem literária: sistema semiótico primário e sistema semiótico secundário. Teoria dos gêneros literários e das estéticas literárias.

**BIBLIOGRAFIA:**

**Básica:**

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999 (Série Princípios, 207).

GENETTE, Gérard. Discurso da narrativa. Tradução Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [1976]. (Coleção Vega Universidade). 279p.

REUTER, Yves. Introdução à análise do romance: leitura e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

**Complementar:**

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e linguagem. Petrópolis: Vozes

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, Luiz Costa. A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: prosa I. 16. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. A criação literária: prosa II. 16. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Cultrix, 1998.

\_\_\_\_\_. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1992.

PIRES, Orlando. Manual de teoria e técnica literária. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

❖ **FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA – 60h – (NCL)**

A natureza da linguagem humana. Conceitos e objetos. A Linguística como Ciência. Teorias das competências linguísticas. Principais teorias linguísticas. O papel da Linguística nos cursos de Letras.

**BIBLIOGRAFIA:**

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

❖ **SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO – 60h – (NC)**

Teorias sociológicas da educação. Sociedade, Educação, Cultura e valores. Estudo das concepções teóricas na educação no discurso sociológico dos autores clássicos das ciências sociais e no discurso dos autores

contemporâneos. Educação, Política e sociedade: as relações no âmbito interno e externo do sistema escolar. Educação: estabilidade e conflito social.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

CARVALHO, Alonso Bezerra de, BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Introdução à sociologia da cultura, São Paulo: Evercamp, 2005.

CARVALHO, Alonso Bezerra de, SILVA, Wilton Carlos Lima da. Sociologia e Educação, São Paulo: Avercamp, 2006.

DEMO, Pedro. Sociologia da Educação: sociologia e suas oportunidades. Brasília: OLIVEIRA, Betty. A; DUARTE, Newton. Socialização do saber escolar. São Paulo: Cortez, 1990.

FRANCO, Luís Antonio de Carvalho. A escola de trabalho da escola. São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. Pedagogia: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1988.

GOH, Maria da Glória. Movimentos sociais e a educação. São Paulo Cortez, 1994.

KRUPPA, Sônia M. Portella. Sociologia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.

LENHARD, Rudolf. Sociologia educacional. São Paulo: Pioneira, 1985.

MEKSENAS, Paulo. Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1998.

MELLO, Guiomar de. Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 1995.

RODRIGUES, Neidson. Estado, educação e desenvolvimento econômico. São Paulo: Cortez, 1995.

TOSCANO, Moema. Sociologia da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

#### **❖ PRÁTICAS DE PROJETOS PEDAGÓGICOS - 135h - (NCL)**

Diretrizes e referenciais curriculares para a educação básica. Os PCN e o Projeto Educativo da escola. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. Processos para desenvolver a interdisciplinaridade nas classes escolares. A interdisciplinaridade no planejamento. A Pedagogia de Projetos de ensino: concepção, fundamentação, objetivos e caracterização. A formação de professores e de alunos investigadores. Passos para a construção de projetos. A prática de elaboração e aplicação de projetos pedagógicos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar. 1ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p.93-104.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas

Tecnologias. Brasília: MEC/SEM, 2000.

BORDONI, Thereza Cristina. Pedagogia de projetos: passo a passo. AMAE educando. Belo Horizonte: Fundação AMAE para Educação e Cultura, 2000, n. 292, jun. p. 18-20.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5 ed., Porto Alegre-RS: Artmed, 1998.

GANDIN, Adriana Beatriz. Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. v. 2, n. 8, mar/abr. p.24-33.

RAIÇA, Darcy (Org.). A prática de ensino: ações e reflexões. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

#### **Complementar:**

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. Escola, leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artmed, 1995.

### **3º PERÍODO**

#### **❖ DIDÁTICA - 90h - (NC)**

Contextualização da Didática. Componentes do processo ensino-aprendizagem. Organização do trabalho docente: planejamento e plano de ensino. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

CANDAU, Vera Maria. (org). A didática em questão. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Rumo a uma nova didática. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MASETO, Marcos. Didática. A sala de aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

#### **Complementar:**

CANDAU, Vera Maria. (org). A didática em questão. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MASETO, Marcos. Didática. A sala de aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

MAXIMILIANO, Menegolla e SANT'ANA. Por que planejar? Como Planejar? Currículo-Área-Aula. 3. ed. Petrópolis.

\_\_\_\_\_. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

#### **❖ TEORIA LITERÁRIA: CORRENTES DA CRÍTICA LITERÁRIA E O GÊNERO DRAMÁTICO - 60h - (NCL)**

Panorama da Crítica Literária. A narrativa, a poesia e o drama. Métodos da Crítica Literária. Tendências atuais da Crítica Literária. Análise do objeto literário numa perspectiva literária.

**BIBLIOGRAFIA:****Básica:**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2001.

BARTHES, Roland. Crítica e verdade. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. (Coleção Debates, 24). 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BERGEZ, Daniel et al. Métodos críticos para a análise literária. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata; revisão da tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira; prefácio de Daniel Bergez. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro grego: tragédia e comédia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

IMBERT, Enrique Anderson. A Crítica Literária: seus métodos e problemas. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

**Complementar:**

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. Tradução de Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. Teatro brasileiro do século XX. (Coleção Margens do Texto). São Paulo: Scipione, 1995.

COMMELIN, P. Mitologia grega e romana. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria do texto 2: teoria da lírica e do drama. 1. ed. 4. impressão. São Paulo: Ática, 2003.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra; revisão da tradução de João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ROGER, Jérôme. A crítica literária. Tradução de Rejane Janowitz. (Coleção Enfoques: Letras). Rio de Janeiro: Difel, 2002.

MAGALDI, Sábato. Iniciação ao teatro. (Série Fundamentos, 6). 7. ed. 2. impres. São Paulo: Ática, 2000.

PEIXOTO, Fernando. O que é teatro. (Coleção Primeiros Passos, 10). São Paulo: Brasiliense, 2003.

RALLO, Elisabeth Ravoux. Métodos de crítica literária. Tradução de Ivone C. Benedetti. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. Tradução de Paulo Neves. Revisão da tradução de Mônica Stahel. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. 14. ed. rev. e atualiz. Petrópolis: Vozes, 2001.

**❖ SOCIOLINGUÍSTICA - 60h - (NE)**

Introdução à Sociolinguística: conceito, objeto e definição. Língua, Norma e Uso. Variação e Mudança linguística. Diversidade linguística e ensino de língua materna. Análise sociolinguística de variantes padrão/não padrão do



português brasileiro.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

#### **❖ MORFOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

Forma, função e sentido. Estrutura dos vocábulos. Formação dos vocábulos. Classificação dos vocábulos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

CAMARA JR., Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. Morfologia portuguesa. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa e; KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística aplicada ao português: morfologia. São Paulo: Cortez, 1991.

##### **Complementar:**

BASÍLIO, Margarida. Formação e classes de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

ILARI, Rodolfo. Introdução ao estudo do léxico. São Paulo: Contexto, 2002.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. Manual de morfologia do português. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1974.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à morfologia. São Paulo: Contexto, 2003.

#### **❖ LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

A África de Língua Portuguesa e sua literatura africana (angolana, caboverdiana, moçambicana), em sua origem e desenvolvimento, caracteres linguísticos/estilísticos, sociais. Poesia e prosa, em seus principais autores/obras. Aspectos da literatura moçambicana de autoria feminina. Ecos e Reflexos africanos na Literatura Brasileira. Conexões entre a Literatura Brasileira e a Literatura Africana em estudo.

**BIBLIOGRAFIA:**

- APA Livia et al. Poesia africana de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.
- CHAVES, R. Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê, 2005.
- CHAVES, R., CAVACAS, Fernanda, MACÊDO, Tania (Org.). Mia Couto: o desejo de contar e de inventar. Maputo: Nzila, 2010.
- CHAVES, R., MACÊDO, Tania Celestino de, SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Org.). Brasil/África: como se o mar fosse mentira. 02. ed. São Paulo/ Luanda: UNESP/ Chá de Caxinde, 2006
- CHAVES, R., VIEIRA, José Luandino, COUTO, Mia (Org.) . Contos africanos de língua portuguesa. São Paulo: Ática, 2009.
- CHAVES, Rita de Cássia Natal. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- GALANO, Ana Maria et al. (orgs) Lingua Mar: Criações e Confrontos em Português. Rio de Janeiro: Funarte, 1997,
- GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde - Literatura em Chão de Cultura. São Paulo: Atelier, 2005.
- MACEDO, T. C. Luanda, cidade e literatura. São Paulo; Luanda: UNESP; Nzila, 2008.
- MACEDO, T. C., CHAVES, Rita de Cássia Natal (Org.). Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.
- MACÊDO, Tania Celestino de, CHAVES, R. Literaturas de língua portuguesa - Marcos e Marcas - Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- MATA, I., PADILHA, Laura (Org.). A mulher em África - Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- MATA, Inocência. Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.
- PADILHA, Laura, RIBEIRO, M. C. (Org.). Lendo Angola. Porto: Afrontamento, 2008.
- PADILHA, Laura. Entre voz e letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2. ed. Niterói / Rio de Janeiro: EdUFF / Pallas, 2007.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Eroticus moçambicanus: Virgílio de Lemos & heterônimos; breve antologia da poesia escrita em Moçambique, 1944-1963.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.
- SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Teresa (Org.). África & Brasil: letras em laços. 2. ed. São Paulo: Yendis, 2006.
- SILVA, Manuel de Souza. Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique. São Paulo: Edusp, 1996.
- TABORDA, Terezinha. O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2005.

**❖ PRÁTICA DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA E TEXTOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA - 135h - (NCL)**

Desenvolvimento de habilidades cognitivas a partir da integração dos conteúdos das disciplinas que compõem o



presente semestre e o anterior. Para isso, enfatiza o próprio desenvolvimento da leitura, análise e interpretação de múltiplas linguagens através de textos diversos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

ANTONIO CÂNDIDO. Formação da literatura brasileira. V.I e II. Belo Horizonte, Itatiaia, 1996.

FIORIN, José Luís; SAVIOLI, Francisco. Para entender o texto. São Paulo, Ática, 1996.

LYONS, John. Linguagem e Linguística. Rio de Janeiro, Guanabara: Koogan, 1987.

PERINI, Mário A. Gramática descritiva do português. São Paulo, Ática, 1998.

SILVA, E.T. DA. Criticidade e leitura: ensaios. Campinas: Mercado de Letras, Associação Brasileira de Leitura, 1998.

Textos jornalísticos, teóricos, literários, etc.

##### **Complementar:**

CAVALCANTI, Marilda C. Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática. Campinas: UNICAMP, 1989.

GENOUVRIER, E. & PEYTARD, J. Linguística e ensino de português. Trad. de Rodolfo Ilari, Coimbra: Almedina, 1985.

KOCH, Ingedore V. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1992.

VOGT, Carlos. Linguagem, pragmática e ideologia. São Paulo: Hucitec, 1989.

#### **4º PERÍODO**

##### **❖ FILOLOGIA ROMÂNICA - 60h - (NCL)**

Conceito e evolução da Filologia. Variedades da Língua Latina. Características do latim vulgar. A formação das línguas românicas. O estudo comparativo de textos em português, espanhol e italiano.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

BASSETO, Bruno Fregni. Elementos da Filologia Românica. São Paulo: EDUSP, 2003.

COUTINHO, Ismael. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

ELIA, Sílvio. Preparação à linguística românica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

SOUZA, Antônio Cândido Melo e et al. Estudos de filologia e linguística. São Paulo: EDUSP, 1981.

MAURER, Theodoro Henrique, jr. O problema do latim vulgar. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

POSNER, Rebecca. The romance languages. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MELO, Gladstone Chaves. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1981.

STÖRIG, Hans Joachim. Aventura das línguas: uma história de idiomas do mundo. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

ILARI, Rodolfo. Linguística românica. São Paulo: Ática, 1982.

##### **❖ LITERATURA BRASILEIRA DAS ORIGENS AO ARCADISMO - 60h - (NCL)**

Literatura de Informação. Literatura Catequética. Barroco. Arcadismo.

**BIBLIOGRAFIA:**

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. Tempos da literatura brasileira. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. Dialética da colonização. 3. ed. 1. reimpres. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÂNDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Vol 1. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. Afrânio. A literatura no Brasil: a era barroca, a era neoclássica. São Paulo: Global, 1997.

GALEANO, Eduardo. Febre de ouro, febre de prata. In: \_\_\_\_\_. As veias abertas da América Latina. Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Terra e Paz, [s.d.]. (Estudos Latino-americanos,12).

MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira: origem, barroco e arcadismo. São Paulo: Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. A literatura brasileira através de textos. São Paulo: Cultrix, 1995.

PROENÇA FILHO, Domínio. Estilos de época na literatura. São Paul: Ática, 1995.

❖ **LITERATURA INFANTOJUVENIL - 60h - (NC)**

Estatuto da literatura infantil. Origens históricas do gênero. Características da obra literária para crianças e jovens. A narrativa e a poesia infantojuvenil. A produção Literária brasileira para crianças e jovens. Critérios de seleção de textos.

**BIBLIOGRAFIA:**

BETTLHEIM, Bruno. A Psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática,1990.

\_\_\_\_\_. Literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática,1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. Leitura prazer: interação participativa com a leitura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 2008.

SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens. São Paulo: Global, 2001.

❖ **LITERATURA PORTUGUESA DAS ORIGENS AO ARCADISMO - 60h - (NE)**

O Trovadorismo português. O Humanismo em Portugal. O Renascimento literário português. A literatura barroca. O movimento literário árcaico (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

**BIBLIOGRAFIA:**

MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. A literatura portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1980.

MEDEIROS, Lênia Márcia de. A literatura portuguesa em perspectiva. V. I. São Paulo: Atlas, 1992.

MIRANDA, José Fernando. Ressurgimento. Porto Alegre: Sagra, 1987.

OLIVEIRA, Cândido de. Súmulas de literatura portuguesa. São Paulo: Biblos. s.d.

#### ❖ **SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA - 60h - (NE)**

Estudo da sintaxe. Fundamentação da noção de gramática. Categorias da descrição gramatical.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

AZEREDO, José Carlos de. Iniciação à sintaxe do português. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SAUTCHUK, Inez. Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática. Barueri.SP:Manole,2004.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa e; KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística aplicada ao português: sintaxe. São Paulo: Cortez, 1993.

##### **Complementar:**

AZEREDO, José Carlos de. Fundamentos de gramática do português. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BECHARA, Evanildo. Lições de português pela análise sintática. Rio de Janeiro: Padrão, 1992.

\_\_\_\_\_. Moderna gramática portuguesa. 34. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1992.

CHARLIER, Françoise Dubois. Bases de análise linguística. Coimbra: Almedina, 1981.

PERINI, Mário A. Para uma nova gramática do português. 8. ed. São Paulo: Ática, 1995.

#### ❖ **PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA - 135h - (NE)**

Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para Ensino Fundamental e Médio. Os novos paradigmas para o ensino de Língua Portuguesa. Apresentação da área de Língua Portuguesa. Conceitos e procedimentos subjacentes às práticas de linguagem. Práticas de leitura de textos escritos. O ato de ler. Estratégias de leitura. As habilitações de leitura de textos em língua materna. Elaboração e ampliação de Projetos de Leitura. Prática de produção de textos orais e escritos. As práticas de escritas. Condições de produção do texto escrito. Elaboração e ampliação de projetos de Escrita.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar. 1ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p.93-104.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.

BORDONI, Thereza Cristina. Pedagogia de projetos: passo a passo. AMA. Belo Horizonte: Fundação AMAE

para Educação e Cultura, 2000, n. 292, jun. p. 18-20.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5 ed., Porto Alegre-RS: Artmed, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

GANDIN, Adriana Beatriz. Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. V. 2, n. 8, mar/abr. p.24-33.

RAIÇA, Darcy (Org.). A prática de ensino: ações e reflexões. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

### 5º PERÍODO

#### ❖ SEMÂNTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA - 60h - (NCL)

Aspectos da significação lexical e da significação contextual. Significação e contexto. Referência, sentido e denotação. Os campos semânticos. As relações de sentido. Léxico e semântica

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

GUIRAUD, Pierre. A semântica. Trad. Mascarenhas, Maria Elisa. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (orgs.). Análise do discurso: as materialidades do sentido. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003.

GREIMAS, A. J. Semântica estrutural. São Paulo: Cultrix, 1976.

ILARI, Rodolfo. Introdução à semântica: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2004.

##### **Complementar:**

CABRAL, Leonor Scliar. Introdução à linguística. Rio de Janeiro: Globo, 1998.

LOPES, Edward. Fundamentos da linguística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1995.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). Semântica. In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras. vol 2. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, R. Semântica formal. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

RECTOR, Mônica; YUNES, Eliana. Manual de semântica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

#### ❖ LITERATURA PORTUGUESA DO ROMANTISMO AO REALISMO - 60h - (NE)

O Romantismo em Portugal. A literatura realista/naturalista portuguesa (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa através de textos. São Paulo: Cultrix, 1985.

PESSOA, Fernando. Mensagem. São Paulo: Núcleo, 1995.

TUFANO, Douglas (org). De Camões a Pessoa: antologia escolar da poesia portuguesa. São Paulo: Moderna, 1993.

**Complementar:**

D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 1990.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1985.

\_\_\_\_\_. A Literatura Portuguesa através de textos. São Paulo: Cultrix, 1985.

PINHEIRO, Célio. Introdução à Literatura Portuguesa. São Paulo: Pioneira, 1991.

SARAIVA, Antonio José. Iniciação à Literatura Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 199.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Ed. 16, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

❖ **LITERATURA BRASILEIRA DO ROMANTISMO AO REALISMO - 60h - (NE)**

O Romantismo brasileiro. A literatura realista/ naturalista (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

**BIBLIOGRAFIA:**

**Básica:**

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.

BOSI, Alfredo. História Concisa da literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. A literatura no Brasil: a era romântica. Vol 3. São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. Afrânio. A literatura no Brasil: a era realista. Vol 4. São Paulo: Global, 2004.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2000.

**Complementar:**

BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética: a teoria do Romance. São Paulo: Editora Unesp/ HUCITEC, 1990.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do Texto: Prolegômenos e teoria narrativa. São Paulo: Ática, 2000

GONZÁLEZ, Mário. O Romance Picaresco. São Paulo: Ática, 1988. (série princípios)

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O Foco Narrativo. São Paulo: Ática; 2001 ( série princípios).

LUCAS, Fábio. O Caráter Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MONTINEGRO, Olívio. O Romance Brasileiro. Recife. FUNDAPE, 1996.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. São Paulo: Cultrix, 1981

NUNES, Benedito. O Tempo da Narrativa. São Paulo: Ática, 2000.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Análise Estrutural de Romances Brasileiros. São Paulo: Ática, 1990

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Ed. 16, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

❖ **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS - 60h - (NC)**

Língua e Linguagem. LIBRAS. Educação de Surdos. Filosofias Educacionais. Cultura e comunidade surda. Gramática da LIBRAS. Fundamentos Legais.

## **BIBLIOGRAFIA:**

### **Básica:**

CAPOVILLA, Fernando César. Enciclopédia da língua de sinais brasileira v.1: o mundo do surdo em libras – educação. São Paulo: USP, 2005.

CORREIA, Ruan Pablo de Araújo. A utilização da linguagem de sinais como recurso de comunicação diferencial. [?], 2004.

DORZIAT, Ana. O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FELIPE, Tânia A. Libras em contexto: curso básico. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

HONORA, Márcia. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

PIMENTA, Nelson. Curso de Libras, 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica. V.1. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SKLIAR, Carlos. Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

### **❖ LINGÜÍSTICA APLICADA - 60h - (NE)**

Definição, domínio e terminologias específicas da área de Linguística Aplicada (LA) e visão de seu objeto de estudo. Visão dos fundamentos da LA sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna. Diferentes pesquisas aplicadas à Língua Portuguesa e seus pressupostos teórico-metodológicos. A relação entre teorias de ensino e aprendizagem de línguas. Avaliação e produção de materiais didáticos.

### **BIBLIOGRAFIA:**

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Linguística Aplicada, aplicação da Linguística e ensino de línguas. Anais do III Seminário de Ensino de Língua e Literatura. Porto Alegre:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

\_\_\_\_\_. Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo, Ed. da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

CAVALCANTI, M. C. SIGNORINI, I. (orgs.) Linguística Aplicada e transdisciplinaridade. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 1998.

CELANI, M.A.A. Afinal, o que é lingüística aplicada? In: PASCHOAL e CELANI. Lingüística Aplicada: da



aplicação à lingüística transdisciplinar. São Paulo: Educ,1992, p.25-36.

COX, M.I.P. e ASSIS-PETERSON, A. A. de. Cenas de sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Linguagem e ideologia. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GIRARD, Denis. Os momentos da aula de línguas. Linguística aplicada e didática das línguas. Lisboa: Estampa, 1975.

GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra, 1999.

LEFFA, V. (org.) A interação na aprendizagem das línguas. Pelotas, RS: EDUCAT, 2003.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Pontes EDUSP, 1993.

MARTIN, Robert. A linguística aplicada. Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, São Paulo: Parábola, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é linguística aplicada? Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino. Maceió, Alagoas e São Paulo, São Paulo: Catavento, 1999.

#### ❖ LITERATURA MARANHENSE – 60h – (NE)

Literatura Maranhense: origem, formação, movimentos e agremiações. Poesia maranhense (séculos XIX e XX): principais representantes (neoclássicos e românticos, parnasianos, simbolistas, modernistas, contemporâneos da atualidade), em seus aspectos temáticos, linguísticos e estilísticos. A romanesca maranhense (séculos XIX e XX), principais autores(as) e obras.

#### BIBLIOGRAFIA:

ABRANCHES, Dunsche. O Cativoiro. São Luís-Ma., Alumar, 1992.

BORRALHO, José Henrique de Paula. Terra e Cé de Nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão. São Luís-Ma.:Fapema/Café e Lapis, 2009.

\_\_\_\_\_. Uma Athenas Equinocial – a literatura e a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro.

BRANDÃO. Jacyntho José Lins. Presença maranhense na Literatura Nacional. São Luís-Ma: UFMA?SIOGE, 1979.

CALDEIRA, José de Ribamar. O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX. São Luís-Ma.: AML?SIOGE, 1991.

CORRÊA, Rossini. Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus/Corrê & Corrêa, 2001.

\_\_\_\_\_. O Modernismo no Maranhão. Brasília: Corrêa &Corrêa Editores, 1989.

JANSEN, José. Teatro no Maranhão. Rio de Janeiro: Gráfica OlympicaEditora, 1974.

LEAL, Antonio Henriques. Phanteon Maranhense, Ensaio biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos. São Luís, 1873. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. Tomos I e II.

LOBO, Antonio. Os Novos Atenienses. Subsídios para História Literária do Maranhão. São Luís-Ma. Typografia Teixeira, 1909.

MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão. Rio de Janeiro: Fonfon e Seleta, 1970.

MEIRELLES, Mário Panorama da Literatura Maranhense. São Luís-Ma.: Imprensa Oficial, 1955.

MORAES, Jomar. Apontamentos de Literatura Maranhense. 2ª. ed. SãoLuís-Ma.: Sioge, 1977.

## 6º PERÍODO

### ❖ LUSOFONIA - 60h - (NCL)

Abordagem histórica e sociolinguística da Língua Portuguesa. Constituição do léxico português. Lusofonia aproximação linguística e distanciamento cultural. Língua Portuguesa: identidade e cultura. Perspectiva literária e historiográfica: Europa, África, Ásia e América.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### Básica:

ALVAREZ, M. L. O. Língua e cultura no contexto de português. Campinas: Pontes, 2010.

DIAS, M. P. de L. & ROQUE, H. J. Cultura e Identidade, discursos. São Paulo: Ensino Profissional, 2007.

ELIA, Silvio. A língua portuguesa no mundo. São Paulo: Ática, 1989.

PAGOTTO, E. G. Variação e identidade. Alagoas: EDUFAL, 2004.

##### Complementar:

ARAÚJO, A. F. da C. Língua e identidade, reflexões discursivas. Alagoas: EDUFAL, 2007.

BASTOS, N. B. & PALMA, D. V. (orgs.) História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro - RJ: Lucerna, 2004,

BASTOS, N. B. Língua Portuguesa em calidoscópio. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2004,



ELIA, Sílvio. Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PERINI, Mário A. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola, 2004.

❖ **LITERATURA PORTUGUESA DO SIMBOLISMO ÀS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS – 60h – (NE)**

O Simbolismo literário. O movimento literário modernista. Tendências Contemporâneas em Portugal (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

**BIBLIOGRAFIA:**

**Básica:**

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa através de textos. São Paulo: Cultrix, 1985.

PESSOA, Fernando. Mensagem. São Paulo: Núcleo, 1995..

TUFANO, Douglas (org). De Camões a Pessoa: antologia escolar da poesia portuguesa. São Paulo: Moderna, 1993.

Complementar:

D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 1990.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1985.

\_\_\_\_\_. A Literatura Portuguesa através de textos. São Paulo: Cultrix, 1985.

PINHEIRO, Célio. Introdução à Literatura Portuguesa. São Paulo: Pioneira, 1991.

SARAIVA, Antonio José. Iniciação à Literatura Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 199.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

❖ **LITERATURA BRASILEIRA DO SIMBOLISMO AO MODERNISMO – 60h – (NE)**

O Simbolismo literário. O Parnasianismo brasileiro. O pré-modernismo. A primeira fase do Modernismo no Brasil. A segunda fase modernista (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

**BIBLIOGRAFIA:**

**Básica:**

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.

BOSI, Alfredo. História Concisa da literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRITO, Mário da Silva. História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna. São Paulo: Saraiva, 1958

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. A literatura no Brasil – Era Modernista. V 5. São Paulo: Global, 1990.

GOMES, Álvaro Cardoso. O Simbolismo. São Paulo: Ática, 1994.

MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira: modernismo. São Paulo: Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2000.

Complementar:

BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética: a teoria do Romance. São Paulo: Editora Unesp/HUCITEC, 1990.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do Texto: Prolegômenos e teoria narrativa. São Paulo: Ática, 2000

GONZÁLEZ, Mário. O Romance Picaresco. São Paulo: Ática, 1988. (série princípios)

HELENA, Lúcia. Movimentos da vanguarda Europeia. São Paulo: Scipione, 1993.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O Foco Narrativo. São Paulo: Ática; 2001 ( série princípios.)

LUCAS, Fábio. O Caráter Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MONTINEGRO, Olívio. O Romance Brasileiro. Recife. FUNDAPE, 1996.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. São Paulo: Cultrix, 1981

NUNES, Benedito. O Tempo da Narrativa. São Paulo: Ática, 2000.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Análise Estrutural de Romances Brasileiros. São Paulo: Ática, 1990

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Ed. 16, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

#### ❖ **PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS - 60h - (NCL)**

Gêneros textuais e produções acadêmico-científicas com enfoque na orientação para pesquisa e produção de trabalho de conclusão de curso.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

BARROS, A.; LEHFELD, N. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1998.

CARRANCHO, A. Metodologia da Pesquisa Aplicada à Educação. Rio de Janeiro: Waldyr Lima Editora, 2005.

FAZENDA, I. (Org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1998.

GIL, A. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.

HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília. A Redação de Trabalhos Acadêmicos: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

MACHADO, Anna Raquel. Planejar Gêneros Acadêmicos: escrita científica-texto acadêmico-diário de pesquisa-metodologia. São Paulo, Parábola, 2005.

MINAYO, M. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, A. F. (Org.) Para quem pesquisamos? para quem escrevemos? o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 1999.

ROT, Désirée Motta e HENDGES Graciela Rabuske. Produção Textual na Universidade. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

SIMÕES, Darcília (org.). A produção de monografias. Coleção *Em Questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 1998.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Tradução Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.  
 SZYMANSKI, H. (Org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.  
 THIOLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1998.

#### ❖ ANÁLISE DO DISCURSO – 60h – (NCL)

Estudo das noções de texto, discurso e gênero textual, com ênfase nas relações entre, discurso e contexto. As leis do Discurso. As diferentes Análises do Discurso. Análise do Discurso: origem, filiação teórica e fases. Conceitos de sentido e sujeito. Condições de produção, ideologia e interdiscurso. Prática discursiva.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Linguística Aplicada, aplicação da Linguística e ensino de línguas. Anais do III Seminário de Ensino de Língua e Literatura. Porto Alegre:
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo, Ed. da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- CAVALCANTI, M. C. SIGNORINI, I. (orgs.) Linguística Aplicada e transdisciplinaridade. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 1998.
- CELANI, M.A.A. Afinal, o que é lingüística aplicada? In: PASCHOAL e CELANI. Lingüística Aplicada: da aplicação à lingüística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992, p.25-36.
- COX, M.I.P. e ASSIS-PETERSON, A. A. de. Cenas de sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_. Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. Linguagem e ideologia. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- GIRARD, Denis. Os momentos da aula de línguas. Lingüística aplicada e didática das línguas. Lisboa: Estampa, 1975.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra, 1999.
- LEFFA, V. (org.) A interação na aprendizagem das línguas. Pelotas, RS: EDUCAT, 2003.
- MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Pontes EDUSP, 1993.
- MARTIN, Robert. A lingüística aplicada. Para entender a lingüística: epistemologia elementar de uma disciplina. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, São Paulo: Parábola, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é lingüística aplicada? Oficina de lingüística aplicada: a natureza

social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino. Maceió, Alagoas e São Paulo, São Paulo: Catavento, 1999.

### 7º PERÍODO

#### ❖ LITERATURA BRASILEIRA - TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS- 60h - (NE)

A geração literária de 1945. A literatura da geração de 1960. A ficção e poesia de 1970 à atualidade (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **Básica:**

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: SC: Argos, 2009.

AGUIAR, Joaquim. Poesia da Canção. São Paulo: Scipione, 1998.

BOSI, Alfredo. História Concisa da literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_. Alfredo. O conto contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1995.

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil – Era Modernista. V 5. São Paulo: Global, 1990.

CYNTRÃO, Sylvia Helena (Org.). A forma da festa – tropicalismo: a explosão e seus estilhaços. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2000.

MENEZES, Philadelpho. Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual. São Paulo; Ática, 1998.

PELLEGRINI, Tânia. A Imagem e a Letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Ficção Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Petrópolis - RJ: Vozes, 1982.

##### **Complementar:**

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.

BANDEIRA, Manoel. Apresentação da Poesia Brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

CAMPOS, Augusto de. Poesia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Geir. Pequeno dicionário de arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

COHEM, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Cultrix, 1978.

GOULART, Audemaro Toranto; SILVA, Oscar Vieira da. Introdução ao Estudo da literatura. Belo Horizonte-MG: Editora Lê, 1994

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Além do visível. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

#### ❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - ENSINO FUNDAMENTAL - 225h- (NE)

Conceito, objetivos e recomendações do estágio supervisionado. Simulação de aulas. Habilidades técnicas. Exercício do Estágio Supervisionado. Acompanhamento e avaliação do Estágio Supervisionado.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

BENIGNA, Maria de Freitas Villas Boas. A avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. FONSECA, Marília (orgs). As dimensões do projeto político pedagógico. Campinas: Papyrus, 2001.

CASASANTA, Leda Botelho Martins. (apres) Pedagogia de projetos: cadernos amae. Belo Horizonte: Fundação Amae para Educação e Cultura. Outubro, 2000. 60p. Edição especial.

CASTRO, Amélia Domingues e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (org). Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. Pioneira: copyright 2001 de Pioneira Thompson Learning Ltda.

ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py (org.). Técnicas e jogos para aprendizagem de língua estrangeira na sala de aula. Pelotas: Educat, 1999.

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. Resumos e transparências sobre o estágio supervisionado. São Luís, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 2.000.

LIBÂNIO, José Carlos. Didática. 21 ed. São Paulo:Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano. C. A avaliação da aprendizagem escolar. 12 ed. São Paulo:Cortez, 2002.

MARTINS, Jorge Santos. O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua estrangeira. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua portuguesa. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN:introdução.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN:temas transversais.

RAPOSO, Euline Nunes. O estágio supervisionado na formação de educadores. Texto elaborado pela professora do Uniceuma para a disciplina Estágio Supervisionado. São Luís, 2003.

RIOS, Maria de Fátima Serra. Portfólio: um instrumento de avaliação progressiva. São Luís: UEMA, 2000. 3P.

RONCA, Antônio Carlos Caruso e ESCOBAR, Virgínia Ferreira. Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação? Petrópolis: Vozes, 1986.

**8º PERÍODO****❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - ENSINO MÉDIO - 180h - (NE)**

Estágio supervisionado: normas de operacionalização de estágio. Planejamento: formulação de objetivos. Técnicas de incentivação. Seleção e organização de conteúdo.

**BIBLIOGRAFIA:****Básica:**

PESSOA, Ana Maria Prática de ensino. Editora Pioneira, SP 1994.

BORDEVANE, Juan Diaz & PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino. Vozes, Petrópolis, 1998. 1998.

DELORS, Jacques (organizador ). Educação: um tesouro a descobrir. S. Paulo, Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2001.

CANAU, Vera Maria (org.,) Cultural linguagem e subjetividade no ensinar e apreender. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. 2. ed.

\_\_\_\_\_. Ensinar e apreender: sujeito, sabores e pesquisa. ENDIPE, Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 2. ed.

**Complementar:**

CARNEIRO, Moacir Alves. Os projetos juvenis na escola de Ensino Médio. Brasília, DF: Interdisciplinar, 2001. Vozes, Petrópolis, 2002.

DEL RIO, Maria José. Psicopedagogia da língua oral: um enfoque comunicativo. Porto Alegre, Artes Médicas. 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

**6.5.1 Ementário das Disciplinas livres (NL)****❖ FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA (NL) – 60h**

Fundamentos legais da política da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. A escola regular como espaço inclusivo. Aprendizagem e possibilidades da pessoa com necessidades especiais no contexto social. Adequações curriculares. Atendimento educacional especializado.

**BIBLIOGRAFIA:**

ARANHA, Maria Salete F. *A inclusão da criança com deficiência. Criança Especial*. São Paulo: Roca, 1995.

BRASIL. CORDE. Declaração de Salamanca e Linha de Ação. Brasília: Corde, 1994.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, 9394/96 (artºs58 a 60). Brasília: 1996.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – Resolução CNE/CEB nº 2, de 11/09/2001. Brasília: SEESP/MEC, 2001.

BUENO, José Geraldo Silveira. A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino



regular. temas sobre desenvolvimento, V.9, nº 54, p. 21-7, 2001.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva: Com os Pingos nos "is". Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.

DUARTE, José B. (org) Igualdade e Diferença numa Escola para Todos: Contextos, controvérsias, perspectivas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas 2001.

OMOTE, Sadao (org.). Inclusão: Intensão e realidade. Marília: FUNDEP, 2004, p.1-9 e 113-143.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri e BAUMEL, Rosely C. R. de Carvalho (orgs). Educação Especial: do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003 (cap. I, II, V).

#### ❖ HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (NL) – 60h

A educação no contexto histórico da formação do Estado Brasileiro: período Colonial até os dias atuais A educação no contexto neoliberal. Educação maranhense: aspectos sociais e históricos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. São Paulo: Moderna 2000.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. A educação brasileira no contexto histórico. São Paulo: Alínea, 2001.

FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Moraes 2000.

GERMANO, José Willington. Estado militar e educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos et al. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

RIBEIRO, M.<sup>a</sup> L. S. História da Educação Brasileira: organização do espaço escolar. São Paulo: Cortez, 1999.

RODRIGUES. Regina Nina. Maranhão: Do Europeísmo ao Nacionalismo Política Educação. São Luís: Sioge 1993

ROMANELLI, Otaiza. História da Educação no Brasil. São Paulo: Moraes 2001.

SAVIANI. Dermeval. Educação brasileira: estrutura e sistema. São Paulo: Autores Associados, 2000.

TOBIAS, José Antônio. História da Educação Brasileira. São Paulo: Ibraga, 1986.

#### ❖ FILOSOFIA DA LINGUAGEM (NL) – 60h

Formulação das questões languageiras, O universo do símbolo, As estruturas da linguagem, Pensamento e Palavra. O discurso. Linguagem e cultura. Questões hermenêuticas.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ALSTON. Filosofia da linguagem. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ARAÚJO, Inês L. Do signo ao discurso – introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola,

2008.

CASSIRER, A. A filosofia das formas simbólicas. México: Fondo de Cultura econômico, 1971

KARL-OTTO, Apel. La transformacion de la filosofia. Madrid: Taurus, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

❖ **CULTURA E REALIDADE BRASILEIRA (NL) – 60h**

Cultura Brasileira: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura, Ideologia e Visão do Mundo da Cultura Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Nacional. Cultura Nacional e Regional. Cultura Popular e Brasileira.

**BIBLIOGRAFIA:**

**Básica:**

ASSOCIAÇÃO CARLO UBBIALI, INSTITUTO EKOS. Os índios do Maranhão: o Maranhão dos índios. São Luís, 2004.

CABRAL, M. do S. C. Caminhos do Gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

LYONS, J. Introdução à linguística teórica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

**Complementar:**

ABRANCHES, D. de. O cativoiro (memórias). 2. ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras/Lithograf, 1992.

ABREU, J. C. de. Caminhos Antigos e Povoamentos do Brasil. Rio de Janeiro: Briguiet, 1930.

BARBOSA, A. L. Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.

BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. Contribuições da linguística para o ensino de línguas. Goiânia: UFG, 1999.

BLOUNT, B. G. Language, Culture and society: a book of readings. Cambridge, Massachusetts: Winthrop Publishers, 1974.

BOSI, A. Dialética da Colonização. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRÁGGIO, S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. Revista do Museu Antropológico. V. 5/6, n. 1, p. 9-53. Goiânia: 2001-2002.

CARVALHINHOS, P. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso. São Paulo: Revista USP, n. 56, p. 172-179, dez./fev. 2002-2003.

CASTRO, M. C. D. de. Sobre a natureza dos nomes próprios toponímicos. Revista Signótica. Goiânia, v. 21, p. 391-416, 2009.



D'ABBEVILLE, C. História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Trad. Sérgio Milliet. Notas de Rodolfo Garcia. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975 [1612-1614].

DICK, M. V. do A. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

\_\_\_\_\_. Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: FFL/USP, 1992.

FREYRE, G. Casa Grande e Senzala. 14. ed. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. V. 2. Imprensa Oficial. Recife. Brasil, 1966.

HOLANDA, S. B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOUAISS, A. O português no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento Selvagem. São Paulo: Papyrus, 2008.

LOPES, N. Dicionário escolar afro-brasileiro. São Paulo: Selo Negro, 2006.

MALIGHETTI, R. O Quilombo de Frechal: identidade e trabalho de campo em uma comunidade brasileira de remanescentes de escravos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

MORAIS, R. de. Cultura brasileira e educação. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

NAVARRO, E. A. Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.

RIBEIRO, D. Os índios e a civilização. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RIBEIRO, F. de P. Memórias dos sertões maranhenses. Reunidas aos cuidados de Manoel de Jesus Barros Martins. São Paulo: Editora Siciliano, 2002 [1815; 1819; 1819].

SAMPAIO, Theodoro. O Tupi na Geografia Nacional. 4. ed. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, (1955 [1901]).

SAPIR, E. A Linguagem. São Paulo: Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. Selected Writings in Language, Culture, and Personality. London: University of California Press Ltda., 1985.

TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1997.

#### ❖ **TEORIA DA COMUNICAÇÃO (NL) – 60h**

Comunicação: Conceito e Histórico. Visão Sistemática. A Comunicação e a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia. Comunicação e Semiologia. Teoria da Linguagem, Processo Signífico: Níveis Sintáticos, Semânticos, Pragmáticos e as Formas de Comunicação no Mundo Atual.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ANDRADE, Maria Margarida de & MEDEIROS, João Bosco. Comunicação em Língua Portuguesa. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

BELTRÃO, Luiz & QUIRINO, Newton de Oliveira. Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

BERLO, David Kenneth. O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 2006.

HOHLFELD *et alii*, Antônio. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Os meios como extensões do homem. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEIVA Jr., Eduardo. Comunicação: teoria e prática social. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEREIRA, José Haroldo. Curso básico de Teoria da Comunicação. Rio de Janeiro: Quartet: Universidade, 2001.

❖ **LÍNGUA INGLESA INSTRUMENTAL (NL) – 60h**

Ênfase na leitura. Utilização de estratégias eficientes que capacitem o aluno a ler com compreensão textos em inglês sem auxílio de dicionário.

**BIBLIOGRAFIA:**

GEFFNER, Andrea, B..Como escrever melhor cartas comerciais em inglês. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUANDALINI, Eiter Otávio. Técnicas de Leitura em Inglês: Estágio 1. São Paulo: Textonovo, 2004.

MUNHOZ, Rosângela. Inglês instrumental: estratégias de leitura I. São Paulo: Textonovo, 2002.

SWAN, Michael; WALTER, Catherine. How English works. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LONGMAN. Dicionário Escolar para Estudantes Brasileiros. Português-Inglês/Inglês-Português. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

❖ **METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (NL) – 60h**

Os PCN e o Ensino de Língua Portuguesa. Análise Linguística: uma Reflexão sobre o Ensino de Língua na Escola. Ensino de Língua e ensino de Literatura: uma dimensão interdisciplinar. O Livro Didático e o Ensino de Língua Portuguesa.

❖ **HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA (NL) – 60h**

Cultura Indígena: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura Indígena, Ideologia e Visão da Cultura Indígena Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Indígena Nacional e Cultura Indígena Regional.

**❖ PROJETOS DE PESQUISA (NL) – 60h**

Trabalho científico: Tipos e etapas. Estruturação do projeto de pesquisa. Planejamento e fundamentação do projeto de pesquisa. Coleta e análise dos dados. Redação preliminar do relatório.

## 6.6 A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

As três disciplinas de Práticas de Ensino (Práticas de Projetos Pedagógicos (NCL), Prática de Análise Linguística e Textos Literários em Língua Portuguesa (NCL) e Prática Interdisciplinar de Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa (NE)) proporcionam ao aluno diversas práticas, tanto dentro do campus quanto fora dele – em escolas.

Dessa forma, os alunos do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura em Língua Portuguesa participam de, pelo menos, 4 projetos que envolvem a comunidade, durante o curso.

## 6.7 ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (AACC)

As Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC) têm uma carga horária prática de 225 horas que correspondente a 05 créditos. A carga horária pode ser cumprida com participação em atividades acadêmicas promovidas por instituições diversas, desde que sejam voltadas para a área de conhecimento do curso. Por exemplo: congressos, simpósios, semanas, encontros, colóquios, etc.

## 6.8 ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio é realizado conforme o que está estabelecido no Capítulo I, Seção II, Art. 13 a 23 das Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução nº 1045/2012 - CONSUN/UEMA, em 19 de dezembro de 2012. As normas encontram-se nos anexos.

Dessa forma, o curso exige que os alunos cumpram uma carga horária considerável de estágio em Língua Portuguesa, sendo 225 horas no Ensino Fundamental e 180 no Médio. Além disso, devido à falta de profissionais na região, um bom número de alunos do curso já é atuante nas escolas, tanto da rede pública quanto da privada. Também, um bom número dos alunos desse curso, faz estágio remunerado em escolas da rede pública municipal.

## 6.9 PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO

O Centro de Estudos Superiores de Imperatriz tem a perspectiva de estimular e promover a pesquisa nas áreas do conhecimento que são objeto do ensino de graduação, favorecendo parcerias entre docentes, profissionais dos serviços e discentes. Nesse sentido, destacam-se como importantes estratégias para participação no programa de pesquisa a serem desenvolvidas por pesquisadores da UEMA; da Instituição, em especial os ligados à área de Letras e ensino.

Uma das modalidades que introduz o aluno no universo da pesquisa é o Programa de Iniciação Científica que visa despertar a vocação científica e incentivar novos talentos potenciais entre os estudantes de Letras, mediante sua participação em projetos de pesquisa e extensão, preparando-os para o ingresso na pós-graduação. A Iniciação científica pode efetivar-se mediante o engajamento do aluno em projetos de docentes pesquisadores ou ainda na execução de projetos de pesquisa realizada sob a orientação de professores orientadores com qualificação acadêmica e experiência em pesquisa.

O aluno participante do Programa de Iniciação Científica, regularmente, adquire o domínio do método científico e sob a orientação de docentes qualificados se familiariza com os métodos, as técnicas e a pesquisa. Também, é despertado para o pensar científico e a criatividade, decorrentes do confronto com os problemas de pesquisa, preparando-o para as etapas a pós-graduação.

No CESI a pesquisa e extensão já é uma prática, embora ela ainda deva ser melhorada. Essa prerrogativa do Ensino Superior não deve ser omitida, por ser um dos principais tripés desse tipo de ensino. No CESI, atualmente, seguindo as orientações do campus central, está sendo iniciado um grande movimento para implantação da pesquisa e da extensão de forma mais significativa.

## 6.10 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é feito seguindo o que orienta o Capítulo VI e os Art. 88 a 94 das Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução nº 1045/2012 - CONSUN/UEMA, em 19 de dezembro de 2012. As normas encontram-se nos anexos.

## **7 RECURSOS HUMANOS**

O Departamento de Letras, atualmente, além dos 16 professores, conta com apenas uma funcionária administrativa, o que tem dificultado e causado acúmulo de trabalho. Precisamos de mais uma funcionária para melhor desempenhar as atividades inerentes ao Departamento.

### **7.1 DOCENTES**

O curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, possui um corpo docente composto por 21 professores: 12 efetivos e 9 substitutos. Dos efetivos, 6 são doutores, 3 são doutorandos, 2 são mestres, 1 mestrando. Dos substitutos, 3 são mestrandos, 2 especialistas e 4 graduados. (a lista completa, com as assinaturas encontra-se nos apêndices (apêndice F).

#### **7.1.1 Perfil do professor**

Para a persecução dos objetivos e missão expressos neste Projeto Pedagógico, o perfil do professorado deverá ser aquele que:

- Tem a formação necessária para exercer a função;
- Pratique o ensino dentro do que é estabelecido para a etapa de ensino: ensino, pesquisa e extensão;
- Tem competência para mediar a aquisição e/ou desenvolvimento de conhecimentos;
- Tem capacidade de socializar seus conhecimentos com o corpo discente de maneira ótima e utilizando os recursos audiovisuais apropriados;
- Está atualizado/ familiarizado com as novas tecnologias;
- Tem interesse em produzir textos, artigos científicos;
- Sabe trabalhar em equipe e também de forma interdisciplinar;
- Sempre esteja disposto a aprender.

### **7.2 GESTORES**

Além da gestão do centro, o Curso conta com o um diretor e um chefe do departamento. A lista completa encontra-se nos apêndices (Apêndice G).

### 7.3 O CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O curso conta somente com uma secretária e, geralmente há um estagiário que a auxilia. Cada um deles cumpre 6 horas de trabalho, sendo que, geralmente o estagiário começa a atender às 13 horas e a secretária inicia às 15. O quadro do corpo Técnico-Administrativo encontra-se nos apêndices (apêndice H).

## **8 INFRAESTRUTURA DO CURSO**

O curso funciona, de certa forma, a contento, porém há a necessidade de melhor estruturação. Por exemplo, há falta de mais espaço físico destinado às diversas atividades do curso. Por exemplo, se tem dificuldade para fazer uso de uma sala extra para qualquer atividade inerente ao curso, como a aplicação e prova para seleção de monitores, de orientandos para pesquisa, entre outras.

### **8.1 SALA DE AULA**

O curso utiliza as salas de aula de um dos pavilhões do CESI, no período da tarde e da noite. Elas não são exclusivas dos cursos, pois no período da manhã elas são utilizadas por outros cursos, o que é perfeitamente legal.

### **8.2 SALA DE PROFESSORES**

O curso dispõe apenas de uma sala que serve aos professores e às demais demandas dos dois cursos do departamento.

### **8.3 SALA DE DEPARTAMENTO**

O departamento é instalado em na única sala destinada ao curso.

### **8.4 SALA DE DIREÇÃO DE CURSO**

O diretor do curso atende na sala do departamento.

### **8.5 OUTROS ESPAÇOS USADOS PELO CURSO**

O curso faz uso de outros espaços comuns a toda comunidade acadêmica, como a biblioteca, o laboratório de informática, o auditório, os banheiros, a cantina, as áreas cobertas e os jardins, entre outros.

## **9 ACERVO BIBLIOGRÁFICO**

O acervo bibliográfico do curso é considerável, porém ainda não é o ideal. Recentemente foi feito um levantamento e há um acervo que não atende satisfatoriamente as necessidades do curso. Porém, já há encaminhamento para a aquisição de novos títulos.. A relação do acervo bibliográfico do curso encontra-se nos apêndices (apêndice J).

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS**



A Educação está dando um grande passo para descrever uma nova história, pois o que o homem sabe atualmente poderá representar muito pouco, em relação ao que haverá de aprender. Isso significa para as instituições de ensino um grande desafio.

A sociedade deseja que a escola promova a socialização do aluno e desperte o seu sentimento humanístico. Portanto, vê-se que a educação está além dos ensinamentos pragmáticos: extrapola o programa de conhecimento específico. A escola precisa desenvolver um programa acadêmico amplo que ensine ao aluno adquirir experiências diversas, não somente no campo profissional, mas também experiências do relacionamento humano, do relacionamento respeitoso com as pessoas. Precisa incentivar a participação do aluno em atividades complementares que objetivam ampliar os limites de formação meramente técnica, ensejando a formação sociocultural mais abrangente.

Antes, o ensino estava centrado no professor: aprender era uma consequência. Hoje, o modelo deverá estar centrado na produção do conhecimento, no saber distinguir os conhecimentos relevantes para as questões que nos incomodam, no elaborar e criticar situações, posicionando-se diante do novo, dos sucessivos desafios. É exatamente isso que o Departamento de Letras se propõe a executar.

Sendo assim, está corajosamente e com responsabilidade implantando mecanismos que permitirão qualidade no processo ensino-aprendizagem e uma avaliação mais profunda e efetiva dos serviços educacionais oferecidos à comunidade.

## **11 REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Lei n.º 9394. Brasília, 1996.

DALMÁS, Ângelo. **Planejamento participativo na escola**: elaboração, acompanhamento e avaliação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DRUCKER, Peter F. A ascensão da sociedade do conhecimento. Trad. José Lívio Dantas (excerto de Post. Capitalist Society). In: **Diálogo**. 3 (27). São Paulo, 1994, p.13-18.

GRAMSCI, Antonio. **Alguns pontos preliminares de referência**: filosofia, preconceito e linguagem. In. Espaço acadêmico, nº 69, ano IV, fev. 2007.

INEP/MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Panorama da educação do campo**. Brasília, 2011.

Instituto Paulo Montenegro. Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. **Um diagnóstico para a inclusão social pela educação**. São Paulo, 2012.

LOUREIRO, Violeta R. **Plano de desenvolvimento e projeto pedagógico da escola**: contribuições e orientações para elaborar o plano e o projeto da sua escola. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 11. ed. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Praxis)

RESOLUÇÃO Nº 203/2000 – CEPE/UEMA.

RESOLUÇÃO Nº 276/2001 – CEPE-UEMA.

RESOLUÇÃO Nº 050/97 – CEPE/UEMA.

RESOLUÇÃO Nº 100/92 – CONSUN/EUMA.

DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE LETRAS, PARECER Nº 492/2001 – CNE/CES.